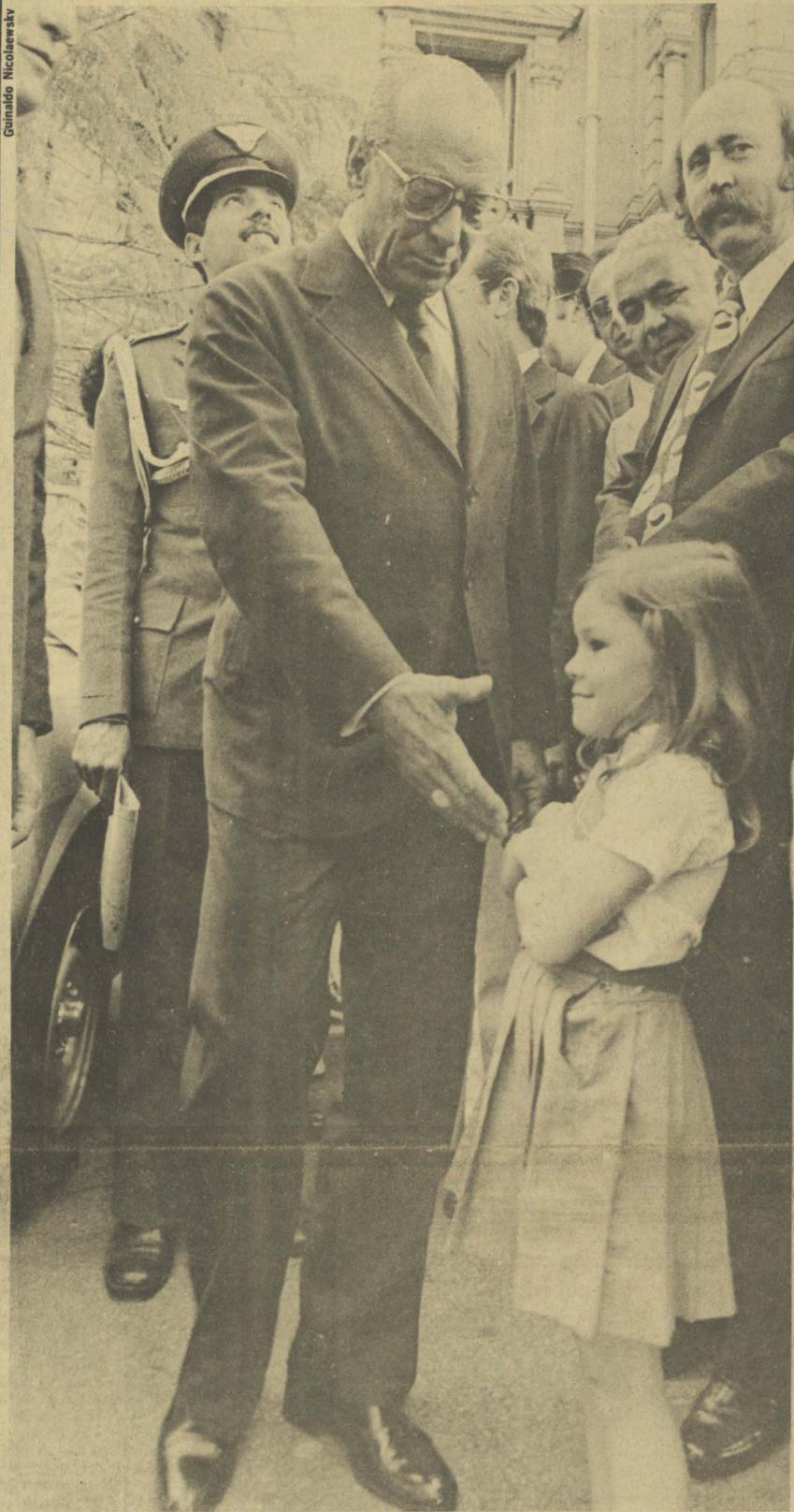


# Tribuna Operária da Luta

Nº 15, ANO I, DE 31 DE MAIO A 14 DE JUNHO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00



## O povo não aperta essa mão!

Onde passa Figueiredo leva vaia.  
Seu governo em crise  
nunca foi tão impopular como hoje.  
Povo exige outro regime  
e Constituinte soberana. Pág. 3

## Seca: fome no sertão

No Nordeste, 5 milhões de pessoas sofrem com a seca, que já atinge 529 municípios em seis Estados. Pág. 4



Pequeno retirante, no Piauí

### Editorial

## Constituinte é clamor geral

Após meses de negação, o governo mostrou seu jogo: não quer as eleições municipais. Teme a derrota e percebe que as eleições não estão ajustadas ao esquema de reciclagem do regime arbitrário. Trata-se de todo um plano de contenção do movimento democrático. Ao mesmo tempo, Figueiredo apreende o jornal "Hora do Povo", volta a falar na censura, elabora em surdina nova lei contra a imprensa. Intervém no Poder Legislativo e manda processar parlamentar, visando a cassação de mandato porque levantou sua voz para denunciar o autoritarismo do Planalto e das Forças Armadas.

O ministro do Trabalho, com seu peculiar cinismo, anuncia o projeto de dividir os sindicatos do ABC em vários sindicatos menores e justifica a rotatividade da mão-de-obra, que anula as conquistas operárias e beneficia as empresas. Delfim Netto vai ainda mais longe, quer tornar pior do que já é a lei salarial. Os generais ameaçam céus e terras, em discursos, entrevistas à imprensa, em ordens do dia. Atacam os trabalhadores, as forças democráticas, a maioria que não se conforma com a continuação do regime militar e sua política antinacional e anti-popular.

Apesar da ameaça de insolvência e do caos econômico e político, os generais resistem. Não querem devolver aos brasileiros o direito inalienável de decidir sobre os destinos de sua pátria. Aferram-se ao monopólio do poder político e a uma orientação econômico-financeira catastrófica, convencidos de que eles, só eles, há 16 anos no governo, teriam condições de "salvar" o Brasil, quando, na verdade, o transformaram no paraíso da espoliação imperialista e o afundaram na crise.

Por tudo isso, cresce a exigência de uma Assembleia Constituinte. É a saída que diversas correntes

da opinião pública apontam para resolver o impasse em que o país se encontra. Ela significa a reelaboração do sistema político numa assembleia representativa dos distintos setores da coletividade, ideia que exige que a sociedade civil assuma os encargos nacionais hoje tomados pelos militares e seus prepostos. Mas esta exigência justa só poderá alcançar seus fins se tiver como premissa a derrocada do regime autoritário e a formação de um governo das forças democráticas e de unidade popular que assegure a mais completa liberdade política possível.

Com os generais no poder, com as leis arbitrárias em vigor, com os partidos políticos enquadrados nas conveniências oficiais, sem que o povo possa expressar abertamente suas opiniões e defender seus programas, criando e desenvolvendo suas organizações políticas e de massas, a Constituinte — tal como a propõe o senador Tancredo Neves, presidente do Partido Popular — não passará de um arranjo reacionário entre as classes dominantes.

Pouco alteraria a situação uma Constituinte sem o povo ou com o povo amordaçado. Participação, aliás, atualmente é termo do vocabulário popular, que se converte num reclamo geral. O povo tem o pleno direito de participar amplamente. E não só participar, mas decidir sobre os destinos do Brasil. Para que isso ocorra é decisiva a luta conjugada das grandes massas da cidade e do campo, a unificação dos movimentos das grandes massas da cidade e do campo, a unificação dos movimentos de oposição popular como base de ampla frente única com uma plataforma democrática. Mas também serve ao interesse popular o entendimento em curso entre as diferentes forças opositoras na esfera parlamentar e no terreno político para frustrar as manobras do Planalto.

## OPERÁRIOS DO ABC EXIGEM SINDICATO

20 mil peões em assembléia declaram: "O sindicato é nosso". E tomam decisão de reconquistá-lo. Para eles o fim da greve não significa baixar a cabeça. Pág. 8

## Metalúrgicos-SP não toleram mais Joaquim

Nasce o Movimento de Oposição Metalúrgica para a Reconquista do Sindicato. Tarefa número um é campanha de sindicalização em massa. Pág. 8

## A greve na USP

Página 2

## BA: catadores de café despertaram

Página 4

## Rebelião na Coreia

Página 5



Piquete de motoristas de ônibus durante a greve de São Luís

## Motoristas traídos no primeiro de maio

São Luís, MA — os motoristas e cobradores desta cidade lançaram sua Oposição Sindical, após serem traídos em sua campanha salarial pelo presidente do Sindicato, o pelego Luiz Pedro, que tudo fez para sabotar o movimento.

Entre outras manobras, Luiz Pedro antecipou a greve da categoria para o dia 1º de maio, em lugar do dia 4, como forma de esvaziá-la. Com isso, os trabalhadores, embora tenham conquistado a redução da jornada de trabalho para 8 horas, conseguiram apenas 60% de aumento,

contra os 100% reivindicados.

Em entrevista à *Tribuna Operária*, um dos membros da Oposição declarou que pretendem agora "encaminhar a luta no sentido de unir e esclarecer a classe, fazendo um trabalho de base, levando à toda a classe o significado e a importância de um sindicato autêntico". Também prometem ficar vigilantes para fazer com que o Sindicato tome providências caso o acordo não seja cumprido pelas empresas — o que já começou a acontecer. (da *Sucursal*)

## Congresso Nacional pela unificação dos professores

São Paulo — após a realização de dois Encontros Nacionais, os professores de todo o país estão se mobilizando para um Congresso Nacional, marcado para 14 a 17 de julho, como mais um passo para a unificação de suas lutas e reivindicações e, em especial, para a formação de uma entidade nacional da categoria, que se contraponha ao seu fracionamento em entidades locais e regionais.

Os professores, que englobam quase 1,5 milhão de trabalhadores, têm promovido vigorosas mobilizações em vários Estados, chegando a manter greves de até 35 dias, em sua luta por melhores condições de ensino e trabalho, contra uma política educacional anti-popular e irresponsável.

A experiência de luta levou-os à constatação de várias debilidades, como a divisão artificial da categoria em grande número de associações, muitas das quais sob o controle de pelegos. E diante da perspectiva de novas e crescentes lutas, torna-se urgente a unificação da categoria em uma entidade nacional, que a represente e dirija.

O Congresso, nesse sentido, deverá promover a formação de uma comissão provisória, respaldada nos delegados presentes, que encaminhe o processo de eleição da nova entidade, abrangendo todos os segmentos do professorado, do Mobar até o 3º grau.

# DER pode parar de novo Greve na USP mostra caminho

Rio Branco, AC — Os 400 trabalhadores do Departamento de Estradas de Rodagem do Acre retornaram ao trabalho, após 12 dias de greve, sem terem obtido uma resposta concreta do governo do Estado quanto à sua reivindicação de aumento salarial de 80%.

A greve iniciou-se no dia 31 de abril, com os trabalhadores do campo não retornando ao trabalho e logo ganhando a solidariedade das turmas que trabalham nas oficinas.

Enquanto o governador do Acre se recusava a receber os trabalhadores, o comando de greve, escolhido no dia 7 de Maio, terminou por acertar um acordo com os diretores do Daracre e assessores do governo, em troca da garantia de que nenhum dos grevistas seria demitido e do reconhecimento do comando, composto por 6 trabalhadores, para discutir junto ao Daracre suas reivindicações.

Os operários deixaram bem claro sua disposição de parar novamente caso sua reivindicação de aumento salarial não seja atendida. (do *Correspondente*)

São Paulo. — A greve geral da Universidade de S. Paulo contra o calamitoso corte de verbas imposto pelo governador Maluf está repercutindo bastante no movimento estudantil paulista. De um lado, porque ela ataca o problema da falta de recursos para o ensino, tao sentido pelos estudantes e o povo em todo o Brasil. E de outro porque ela se realizou contra a vontade das tendências defensistas que têm se manifestado na Universidade.

Ela vem mostrar o caminho das ações combativas num momento em que o movimento estudantil vive uma realidade contraditória.

De um lado, intensificam-se as lutas e manifestações, não só em S. Paulo (PUC-SP, Guarulhos, Taubaté, Ribeirão Preto, etc.) mas

também no Rio Grande do Sul, Minas, Pernambuco, Ceará e outros Estados. Há um alto grau de insatisfação com a situação de descalabro da educação e do país como um todo.

De outro lado, certas debilidades entravam a elevação do nível das lutas estudantis. Elas carecem de maior coordenação, mesmo quando as reivindicações são comuns, como o caso dos movimentos contra os aumentos abusivos das anuidades, por verbas, por melhores condições de ensino, por liberdade. Não se tem associado estreitamente a luta por uma universidade melhor e a luta pelas liberdades políticas. A ligação do movimento estudantil com outros movimentos populares (mesmo com os professores) não

é satisfatória. A solidariedade à greve do ABC, por exemplo, foi tímida.

Os estudantes paulistas discutirão estes problemas no Congresso da União Estadual dos Estudantes, convocando para os dias 14 a 17 de junho, e há esperanças de que ele, assim como a greve da USP, contribua para superar essas debilidades. Já estão sendo discutidos documentos preparatórios, como o que foi lançado pelos DCEs das Universidades Católica de Campinas e São Paulo, encarando, entre outras coisas, com simpatia a realização de um Congresso Nacional dos Movimentos Populares. (Newton Miranda Sobrinho, ex-diretor da UNE — gestão 1971/73)

## Estudantes gaúchos votam para a UEE

Porto Alegre, RS — A diretoria da UEE/RS tomou posse no dia 23 passado, pondo um ponto final na polémica havida fora do Estado com respeito ao caráter máximo e unitário da entidade dos estudantes gaúchos, provocada pela reação derrotada nas eleições para a reconstrução da entidade, esmagada pela repressão da ditadura.

A vitória dos estudantes do Rio Grande do Sul foi esmagadora, tendo a chapa eleita — a Viração — recebido 37 mil votos. Mas grupos reacionários e conciliadores tentaram ressuscitar o DEE, órgão

estudantil criado e sustentado pela ditadura, numa manobra que confundiu muita gente, em especial nos outros Estados.

A propaganda e as falsas informações desses grupos, no entanto, estão sendo repudiadas pela ampla maioria dos estudantes gaúchos, que reconhece a UEE como sua entidade representativa, no que é apoiada por um documento assinado por 22 dirigentes estudantis, denunciando com firmeza o caráter reacionário do DEE e de seus defensores. (da *Sucursal*)

## Homenagem à guerrilheira

Belô Horizonte, MG — O Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais ganhou dia 29 de abril um nome: Valquíria Afonso Costa, uma das guerrilheiras do Araguaia.

Valquíria foi aluna de pedagogia de 1969 a 1971, quando foi forçada a sair de Belo Horizonte, após ter organizado e pertencido ao DA da Faculdade. Até 1974, combateu no Araguaia, e, embora esteja provavelmente morta, não se sabe ao certo seu paradeiro.

O ato para dar seu nome ao DA contou com a participação de familiares, entidades estudantis, a ex-guerrilheira Criméia, o CBA e o conjunto Mambembe. (da *Sucursal*)

## Fantástico! um show de reitor

Recife, PE — A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) demonstrou que se encontra em uma situação financeira invejável, embora nunca disponha de verbas para a aquisição de material para alguns cursos. Afinal, pretendia fornecer Cr\$ 100.000,00 como "verba de apoio" à multimilionária Rede Globo, para a realização dos VII Jogos Universitários Global. A generosa "contribuição", acertada entre o diretor regional da TV Globo de Recife e o reitor da UFPE, Naldo Haliday Pires Ferreira, só não foi concretizada devido à mobilização dos estudantes, que denunciaram o fato, divulgando documentos da TV e da reitoria. (do *Correspondente*)

## LSN ameaça vereador

Santa Maria, RS — O vereador do PMDB de Santa Maria, Ademir Genro Filho, foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional por haver afirmado em discurso pronunciado em outubro de 1979 que "o General Figueiredo não possui competência para dirigir o país". Contudo, se as forças do regime não pouparam esforços para conseguir o enquadramento do vereador, as oposições também não ficaram de braços cruzados.

Foram organizadas comissões de denúncia e solidariedade com a tarefa de divulgar amplamente a arbitrariedade do regime e realizar no dia 4 de junho um ato público de protesto, lançando uma campanha de todos os partidos e movimentos de oposição contra a LSN. (da *Sucursal*)

## Polícia ataca estudantes

Goiânia, GO. — No último dia 14 a polícia de Goiânia prendeu o estudante Cleuber Carneiro Costa, de 19 anos, após a realização de um show da cantora Simone. No dia seguinte a mãe de Cleuber recebeu o cadáver do filho.

Segundo a Polícia Federal ele pulou do 3º andar de suas dependências quando respondia a um interrogatório. Mas nem mesmo a grande imprensa acreditou nesta estranha versão. Até o dia 23 nem mesmo o laudo cadavérico havia sido feito. E no dia 20, em resposta às evasivas da polícia, a Igreja celebrou missa de sétimo dia para Cleuber, que não é concedida em casos de suicídio. Uma grande multidão compareceu.

No dia 21 a polícia fazia outra vítima entre os estudantes: o presidente de Diretório Acadêmico Clovis Beviláqua, de Mato Grosso do Sul. Na manhã do dia 23 o campus da Universidade Federal de Goiás amanheceu coalhado de



"Fomos agredidos na cabeça"

cartazes dizendo: "ditadura metralha estudante". Mais de 500 pessoas participaram de um ato de repúdio.

Ainda nos dias 17 e 18 de maio a polícia tentava tumultuar um encontro preparatório para o II Encontro Nacional dos estudantes secundaristas, agredindo fisicamente e prendendo dois jovens a pretexto de "averiguações". As mortes e a onda repressiva vêm causando protestos generalizados em Goiás. (da *Sucursal*)

## Nova frente

João Pessoa, PB — A nova diretoria da Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP) tomou posse no dia 6 passado, como fruto de uma grande vitória dos professores da rede oficial do Estado: conseguiram jogar no olho da rua o pelego Pereira, que tantos males causou à categoria, como na greve de maio/junho do ano passado. (do *Correspondente*)

## Greve na Lauromeca

Santa Bárbara D'Oeste, SP — Quase 100% dos operários da Lauromeca Indústria de Implementos Agrícolas entraram em greve no dia 20 de maio pelo pagamento de salários atrasados. Os trabalhadores procuraram seu sindicato, que está encaminhando as negociações com o patrão. Este

comprometeu-se a pagar os atrasados até dia 28 do corrente.

Nas discussões travadas no sindicato os trabalhadores que participam do movimento vêm discutindo a necessidade de organizar um fundo de greve. (da *Sucursal*)

## Polícia mata trabalhador

Xapuri, AC — A violência policial no Acre causou mais uma vítima: o operário braçal Melquíades Gomes da Silva, morto após ser detido no dia 29 de abril. O assassinato foi repudiado pelos trabalhadores no ato realizado por motivo do 1º de maio, no qual foram exigidas ações concretas do governo para punir os responsáveis pelo crime. (do *Correspondente*)



Bié explica como foi a luta

## Povo bota jagunco e polícia para correr

Cuiabá, MT — Um jagunco está ameaçando cerca de 400 famílias residentes no bairro de Canjica, atraído pela valorização das terras, próximas ao Centro Político-Administrativo da cidade, e contando com a omissão da polícia. "O jagunco vive ameaçando os moradores, dando tiros, prometendo despejo, polícia, para amedrontá-los", disse o vice-presidente da associação do bairro, Manoel, o "Bié". "Mas os moradores estão reagindo e enfrentando o jagunco, e chegaram a virar o seu jipe. A paciência do povo é grande, mas acaba com tanta injustiça".

A mesma energia está presente no bairro de Santa Isabel: no início de maio, a polícia tentou despejar uma família, mas teve de se retirar com o rabo entre as pernas devido à reação dos demais moradores. (do *Correspondente*)



Moradores reunidos para discutir resistência aos grileiros

## Vera Cruz enfrenta grilo

São Luís, MA — Apesar da Justiça maranhense ter emitido uma ordem de despejo há cerca de 15 dias, solicitando reforços policiais, os quatro mil moradores do bairro de Vera Cruz continuam firmes na defesa do seu direito à moradia, permanecendo em assembléia para resistirem a qualquer tentativa de desalojamento.

Devido à disposição dos moradores, as "autoridades" locais, encabeçadas pelo prefeito Roberto Macieira — cunhado do senador grileiro e presidente do PDS José Sarney — suspenderam temporariamente o despejo para "es-

tudarem o caso", tentando esvaziar o movimento.

Os moradores, contudo, decidiram tomar a iniciativa, promovendo uma manifestação diante da prefeitura para exigir a desapropriação do terreno ocupado, além de uma missa campal, celebrada dia 18 pelo arcebispo de São Luís, D. Motta. E como demonstração de sua combatividade, os moradores expulsaram diversos agentes policiais infiltrados no ato, apossando-se dos gravadores que estes portavam. (da *Sucursal*)

## Piracicaba: sem preço não se corta cana

Piracicaba, SP — Os pequenos produtores de cana deste município se encontram empenhados numa luta pelo aumento do preço da tonelada do produto, que, segundo denunciaram, não chega sequer a cobrir os custos da produção.

Em um debate sobre "A luta pela terra e a questão agrária no Brasil", promovido pelo CBA

local, os produtores indicaram que, em assembléia realizada no dia 14, determinaram que o corte não será iniciado enquanto suas reivindicações não forem atendidas. E lamentaram também a falta de apoio por parte da Cooperativa dos Plantadores, que não tem encaminhado a luta, dificultando muito a união de todos os produtores. (da *Sucursal*)

## Maluf levou vaia de 700

Campo Limpo, SP — No dia 17 de maio cerca de 700 pessoas realizaram uma manifestação para recepcionar o "governo itinerante" de Paulo Maluf. O governador paulista foi recebido com vaias e faixas de protesto contra a mudança da capital, contra a carestia e exigindo água, luz, esgoto, asfalto, escola e outros benefícios para a população.

Em meio às palavras de ordem de "Um, dois, três, Maluf no xadrez", "O povo não é sardinha, queremos mais ônibus na linha", Maluf foi escutado por cerca de 50 soldados fardados. E pressionado pelo povo, foi obrigado a receber contra sua vontade uma comissão de moradores democraticamente eleita na ocasião, que apresentou as reivindicações populares.

## Enfermeiras alcançam vitória

Vitória, ES — As enfermeiras da Santa Casa de Misericórdia, com uma intensa movimentação, conseguiram retomar a Associação dos Enfermeiros e, obrigando a Delegacia Regional do Trabalho a apurar uma série de irregularidades, como o não pagamento dos salários de acordo com o dissidio — o que representa uma dívida de quase 3 milhões de cruzeiros.

A Federação dos Enfermeiros, que participou da luta, exigiu também que o provedor da Santa Casa, Laélis Lucas, e seu capanga, o médico diretor clínico Carlos Guerra, parassem de ameaçar as enfermeiras e de denunciá-las à Polícia Federal como subversivas, levando várias delas a serem interrogadas no dia 22 passado. (da *Sucursal*)



Professoras de Castanhal: contra salários de fome

## Professoras páram contra salário de 600

Castanhal, PA — As professoras municipais desta cidade estão esperando para ver o quanto vale a palavra do prefeito Almir de Lima, após suspenderem no dia 2 a greve iniciada a 16 de abril, na qual exigiam, entre outros pontos, o pagamento do salário mínimo e do 13º salário.

professoras e pais de alunos, além de várias entidades de Belém, prometeu atender algumas reivindicações e estudar a questão dos salários. Mas as professoras, que recebem de Cr\$ 600 a Cr\$ 1.187, ainda não tiveram o seu salário liberado, enquanto funcionários da prefeitura lançam boatos para desmobilizá-las... Será que o prefeito Almir tem palavra? (da *Sucursal*)

## A história como ela é

Fortaleza, CE — "A História não é imparcial: ela é feita pela maioria e não pela minoria, como muitos tentam afirmar". Esta foi uma das declarações feitas durante o I Encontro Nacional de Estudantes de História, realizado de 14 a 16 passados nesta cidade, com a participação de 600 estudantes de 13 Estados.

Entre outras conclusões, os estudantes aprovaram a extinção do curso de Estudos Sociais, unificação do currículo mínimo a nível nacional e encaminhamento da luta para a regulamentação da profissão, repudiando ainda o avanço da repressão no país e apoiando a greve dos trabalhadores do café em Vitória da Conquista. (da *Sucursal*)

## Ameaças aos padres do povo

Fortaleza, CE — Está se tornando comum ameaças de morte a religiosos ligados às lutas do povo no Ceará. No início de abril, alguns fazendeiros contrataram um pistoleiro para matar o padre Moacir Cordeiro Leite, da paróquia de Aratuba, segundo denúncias recebidas pelo próprio padre. E em Palmácia o padre José Maria Cavalcanti também foi alvo de ameaças, feitas através de telefonemas e cartas anônimas.

O cardeal Aloisio Lorscheider foi a Aratuba, onde concelebrou uma missa com a participação de 500 pessoas, em solidariedade aos dois padres, afirmando que o trabalho realizado por eles "já havia impedido o êxodo rural de muita gente". (da *Sucursal*)

**Tribuna Operária**  
 Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernareo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Akuar  
 Jornalista Responsável: Waldor Marcolino  
 Endereço da Redação:  
 Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista, São Paulo, Capital - CEP 01325-5  
 Sucursais: Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 307 - Lapa - CEP 20241  
 Minas Gerais: Rua Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem - CEP 30000  
 Bahia: Rua Padre Vieira, 5, sala 307 - Salvador - CEP 40000  
 A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. - Rua da República, 119 - Porto Alegre - CEP 91033  
 Endereço: Rua Beneficência - CEP 01033 - São Paulo, Capital. É composta e impressa nas oficinas da Cia. Editora Jornal

**ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA**  
 Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.  
 ASSINATURA ANUAL DE APOIO  
 Nome .....  
 Endereço .....  
 Bairro .....  
 Estado .....  
 Cidade .....  
 Fone .....  
 Este formulário deve ser preenchido e enviado para: Editora Anita Garibaldi Ltda. - Rua da República, 119 - Porto Alegre - CEP 91033 - Caixa Postal 1000 - Banco Itaú, Agência, conta Nº 03154, São Paulo - Capital.

CDM Fundação de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

# O povo quer mudar: CONSTITUINTE!

As vaias receberam Figueiredo em Ribeirão Preto, lembrando Flórida Anópolis, confirmaram ainda uma vez que o povo está farto desse governo e não vê a hora de substituí-lo. É a resposta das autoridades, mandando espancar e prender populares, também não foi propriamente uma novidade.

Não há motivo para surpresa se o governo reprime violentamente os trabalhadores em greve, se prende e processa líderes sindicais pela Lei de Segurança Nacional, se intervém nos sindicatos com base na CLT, se abre processo visando cassar mandato de um deputado federal. Só quem se iludiu com as mudanças operadas pelo regime pode agora sentir-se surpreendido. Não foram mudanças para torná-lo democrático, mas para dar respaldo legal ao seu caráter autoritário.

## Regime isolado

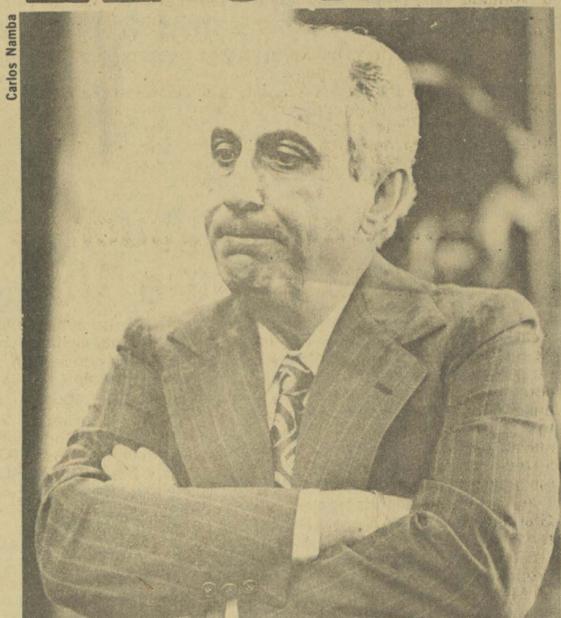
A greve dos metalúrgicos do ABC funcionou como um aglutinador das oposições populares e democráticas, despertou vários setores do torpor em que vinham caindo por força da política divisionista do governo e do embalo em que se encontravam perante essa retórica pseudodemocratizante. Na hora da verdade, o regime mostrou suas garras e a verdadeira face, fez com que as oposições se sentissem ameaçadas e atiquem novamente o desejo de unidade para continuar a lutar pela democracia. O movimento democrático popular deu um passo adiante.

Mais isolado que nunca, com uma crise interna agravada, o governo sentiu seu debilitamento. E, sem abdicar de sua política de abertura restrita, passou a tomar medidas repressivas, com base na legislação antidemocrática mantida, com o objetivo de intimidar e desorganizar o movimento popular e democrático. Gesto inútil, ainda que execrável, porque a essa altura o movimento de protesto social já cavou um leito mais fundo, espalhando-se por várias classes sociais. Basta observar o grande número de lutas operárias, das populações faveladas e das periferias, do povo do interior, dos intelectuais, dos estudantes, que vão se deflagrando pelo país afora.

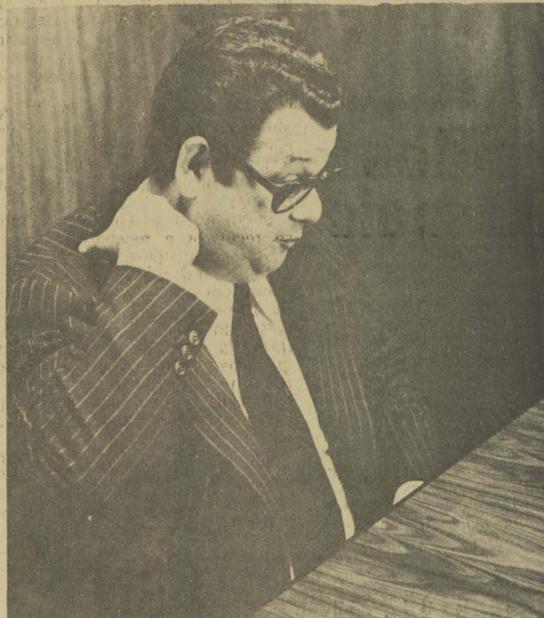
## Militares ameaçam

Isso provoca manifestações iradas dos militares, entre estes os "duros", que assumem posições agressivas e forçam o governo a assumir.

O governo se vê obrigado a dar pas-



Carlos Namba



Hugo Koyama

Macedo: e agora, como conter as greves?

Delfim: prometeu muito, mas como cumprir?

... atrás. Percebe que suas medidas podem lhe sair caro. No momento, usar as "salvaguardas" para processar o deputado João Cunha; tenta adiar as eleições municipais deste ano e tornar indiretas as eleições para governador, em 1982; pretende manipular a legislação sindical para dividir os sindicatos do ABC em diversos pequenos sindicatos. E em resposta o que vê acontecer? Ressurge, com força, a campanha pela convocação de uma Assembleia Constituinte livremente eleita e pela revogação da legislação antidemocrática. Porque os trabalhadores, o movimento popular e todos os democratas não toleram mais o monopólio do poder e a manipulação dessas leis autoritárias.

De todos os cantos vem a mesma mensagem: o nosso povo não tolera mais a canga desse governo antipopular, antidemocrático e submisso ao capital internacional. Expressa cada vez com mais força sua aspiração por um governo democrático de unidade popular.

## A economia está falida? Os ricos que paguem a conta!

A previsão de uma taxa inflacionária de 94 por cento, nos últimos 12 meses, anunciada há alguns dias, e a expectativa de que ela poderá chegar ao ponto nunca antes alcançado, de 100 por cento, dentro de poucos meses, são os sinais de que o modelo econômico vigente desde 1964 está agonizando. A revista *Economist*, portavoz do capital financeiro da Inglaterra considera que a economia do Brasil está prestes a "explodir", pois vai se tornando inviável, com uma dívida externa de 5 bilhões de dólares e que o governo não tem remédio senão entregar-se de uma vez nas mãos do Fundo Monetário Internacional. E levanta dúvidas sobre a possibilidade de superar as dificuldades atuais.

pacidade deste governo superar as dificuldades atuais.

## A crise bate à porta

Apesar das repetidas promessas de Delfim Netto de que este ano a balança comercial ficaria equilibrada, com 20 bilhões de dólares de importações e 20 bilhões de dólares de exportações, em apenas quatro meses o déficit da balança já alcançou 1 bilhão e 800 milhões de dólares! Havendo uma previsão de que chegará aos 4 bilhões de dólares até o final deste ano.

A situação se agrava porque a economia dos Estados Unidos entrou em recessão e isso significa redução de suas compras de matéria-primas de países como o Brasil. Além disso, como

os EUA também estão proibindo a entrada de automóveis e equipamentos vindos de outros países, como o Japão, isso também significa a redução do ritmo de produção nos outros países desenvolvidos. Portanto, eles também vão comprar menos do Brasil. Sem falar que, ao mesmo tempo, os produtos industrializados que o nosso país compra fora tornam-se mais caros por conta da inflação. Sem esquecer a escalada de preços do petróleo. Há alguns dias, um aumento de 2 dólares por barril, significou uma elevação das despesas do Brasil com óleo de 1 milhão de dólares por dia.

Os empresários dão sinais de grande preocupação. Falam cada vez mais na proximidade de uma recessão, isto é, na queda do ritmo de produção. Para Antonio Ermirio de Moraes, dono do grupo Votarantim, o que veio até agora foi chumbo fino, "o chumbo grosso ainda está por vir". Todos concordam que a sugestão de Delfim Netto de reduzir drasticamente as importações de produtos industriais significativas, se posta em prática, a ocorrência de uma recessão.

## Socializar prejuízos

Os empresários, que nunca falaram e nem admitiram dividir seus lucros, agora se apavoram e apelam para o governo dizendo que é preciso "socializar os prejuízos". Os trabalhadores sabem o que isso quer dizer. Isto é, eles, que ficaram à margem dos benefícios da grande riqueza acumulada em 16 anos de exploração feroz de seu trabalho e da espoliação dos recursos naturais do país, deverão agora arcar com o peso da crise.

E isto não é apenas um projeto. O governo já está pondo em prática, arrojando cada vez mais os salários, manipulando os dados estatísticos e jogando a repressão contra os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores. O INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que é o índice de reajustamento salarial previsto pela nova lei de arrocho, vem caindo mês a mês, apesar de a inflação estar aumentando rapidamente. Foi de 40,5% em janeiro, caiu todos os meses seguintes e para o mês de maio foi fixado em 37% apenas! Repete-se a velha história: na hora da crise os trabalhadores é que devem pagar a conta pelos males do capitalismo e do imperialismo. Se vão pagar ou não, é algo que agora vamos ver!

## "Salvaguardas" do regime levam à ditadura institucionalizada

A Constituição feita e remendada pelos generais dá a Figueiredo poderes de ditador.

"Cumpra-se a lei" é a expressão mais repetida atualmente por Figueiredo e seus ministros, generais e governadores. O regime de 1964, para adaptar-se aos novos tempos, vai substituindo o arbítrio sem peias do período em que vigorava o Ato Institucional nº 5 por outro tipo de arbítrio, mais refinado e "legal".

Para isso ele conta com um farto arsenal de leis impostas, remendadas e retocadas ao longo dos governos militares. A começar pela Constituição, que já era antidemocrática quando foi apresentada pelo general Castelo Branco, em 1967, e vem sendo periodicamente piorada de acordo com as conveniências dos donos do poder.

Essa Constituição ilegal, pois não foi fruto da vontade popular, permite, por exemplo, que Figueiredo suspenda o mandato de qualquer deputado ou senador, como poderá ocorrer concretamente com o deputado João

Cunha. Basta para isso que o procurador-geral da República requeira a suspensão do parlamentar, baseado numa acusação qualquer de "crime contra a segurança nacional" (no caso de João Cunha, o "crime" foi ter pronunciado um discurso na Câmara Federal que o general Walter Pires julgou ofensivo à sua honra).

Outros instrumentos de arbítrio que a Constituição coloca nas mãos de Figueiredo são as chamadas "salvaguardas de defesa do Estado": as medidas de emergência, o estado de emergência e o estado de sítio. Qualquer um desses dispositivos permite ao general-presidente adotar medidas como invadir domicílios, suspender a liberdade de reunião e de associação, intervir em entidades representativas, censurar correspondências e órgãos de imprensa e muitas outras.

Na prática, porém, nem tem sido necessário usar as "salvaguardas" para

cometer tais arbitrariedades. Durante a greve dos metalúrgicos, por exemplo, o ABC paulista viveu virtualmente sob um estado de sítio não declarado, sem que o governo desse qualquer satisfação à opinião pública.

O pretexto que a Constituição apresenta para o uso desses dispositivos é a ameaça à "ordem pública" ou à "paz social", devido a "fatores de subversão". E sabe-se que o regime militar dá este nome precisamente às lutas dos trabalhadores, do povo simples e dos democratas, pela liberdade ou por seus direitos.

Neste quadro, que é completado pela "Lei de Segurança Nacional", pela "Lei de Imprensa" e outras, o país vive sob a ameaça permanente de cair numa ditadura jurídica-institucional, onde o general Figueiredo tem o direito de fazer praticamente tudo que lhe der na veneta, sob o disfarce da fórmula mágica do arbítrio — "Cumpra-se a lei".

## OAB: regime é ilegítimo

A 8ª Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil lançou um importante e corajoso documento em favor da democracia, conhecido como a "Carta de Manaus". A *Tribuna Operária* transcreve abaixo os trechos principais dessa carta.

"O grande problema atual do Poder é um problema de legitimidade. Não há poder legítimo sem consentimento do povo. Os advogados brasileiros afirmam que falta legitimidade ao poder institucionalizado em nosso País.

"O regime instaurado em 1964, decorridos mais de quinze anos, insiste em desprezar a forma democrática de legitimação através do voto popular. A massa do povo permanece marginalizada e indiferente, quando não hostil, a esse sistema de governo que dispensa a aprovação dos governados e repele a vontade eleitoral. Ainda agora, pretextos e artificios estão em marcha para suprimir eleições e prorrogar mandatos, forma de criar representantes sem representação, com alternativa de intervenção em todos os municípios do Brasil. Vai, assim, a legitimidade num crescendo, contaminar o exercício do

Poder em todos os planos da administração e da vida pública do País.

"É geral a repulsa à legislação ditatorial que, armando o governo de poder absoluto, atenta contra as garantias dos cidadãos, frustra o direito de greve e cerceia a liberdade sindical.

"Os advogados brasileiros são portavozes do clamor nacional pela reformulação inadiável das bases constitucionais da nossa ordem jurídica. A Constituição não pode ser uma concessão governamental. É o ato solene de criação, por todo o povo, do regime político de sua preferência. Aos advogados brasileiros repugna colaborar em qualquer tentativa de remendo constitucional que ainda se queira perpetrar. O poder constituinte há de retornar ao povo, seu único titular legítimo. Urge a convocação de uma Assembleia Constituinte".

Capital de Maluf gorou. E o adiamento das eleições?

## Vitória só vem quando o povo fala

Em S. Paulo, depois de uma longa novela, o "governador trombadinha" Paulo Salim Maluf teve de retirar seu projeto de mudança da capital do Estado, que circulava na Assembleia Legislativa. Um movimento envolvendo centenas de entidades e a maioria da população paulista conseguiu derrotar (embora ainda não definitivamente) o plano de desperdício de dinheiro numa nova capital, que só beneficiaria os capitalistas da área da construção, como o próprio governador.

## Uma batalha política

Enquanto isso, no plano federal, trava-se outra batalha legislativa, mais importante ainda, pela realização das eleições municipais de 15 de novembro deste ano.

O governo, com medo das urnas, faz o que pode para impedir as eleições, argumentando com a situação criada pela reforma partidária que ele mesmo impôs. O ministro da Justiça, Abi Akel, já disse que só há duas alternativas: ou se aceita a prorrogação do mandato dos atuais prefeitos e vereadores, ou as câmaras municipais serão fechadas e o governo nomeará interventores para todos os 4 mil municípios do país. Já se fala até em acabar com a eleição direta dos governadores, prometida para 1982!

Mas o povo insiste em escolher ele mesmo seus representantes e quer dizer não ao governo nas eleições de novembro.

O problema está sendo discutido no Congresso Nacional. Todos os partidos, menos o PDS governista, tomaram posição a favor das eleições este ano. Até muitos políticos do PDS pensaram duas vezes antes de votar contra as eleições, pois a medida é altamente impopular.

## Só o povo na rua

Mas os protestos, os discursos e cochichos em Brasília não bastarão para barrar a nova iniciativa antidemocrática do governo. Se a luta ficar restrita a esse campo, o interesse de Figueiredo terminará se impondo.

Neste quadro, o movimento contra a mudança da capital de S. Paulo surge como um exemplo a ser seguido. Do ponto de vista parlamentar, a batalha da capital era até mais difícil de ser ganha do que a das eleições municipais. O que decidiu a luta foi a mobilização do povo: as manifestações nos bairros, nas ruas e dentro do legislativo, as faixas e cartazes, as palavras de ordem gritadas por milhares de vozes. Graças a tudo isso, criou-se um movimento de opinião pública que terminou contribuindo para mudar a correlação de forças dentro da própria assembleia legislativa, barrando a capital malufiana. Um movimento do mesmo tipo a nível nacional poderá garantir também as eleições municipais do novembro, permitindo que as forças populares conquistem novas posições nas câmaras de vereadores e prefeituras.



## Santo, a luta vai continuar

Começou finalmente o julgamento do soldado da PM acusado de ter abatido a tiros o líder operário Santo Dias da Silva, durante a greve dos metalúrgicos de S. Paulo, há seis meses atrás. O tribunal militar, não inspira confiança nos metalúrgicos. É considerado uma justiça de classe, comprometida com os patrões e o governo, empenhada em encobrir e não em esclarecer o crime, para salvar os assassinos e seus mandantes.

Por isso mesmo, a vigilância dos metalúrgicos e do povo simples da Zona Sul de S. Paulo, onde morava Santo, fez-se presente durante essa primeira audiência (para ouvir as testemunhas de defesa do soldado acusado, Herculano Leonel). Detrona a auditoria militar, uns 200 populares se concentraram durante a audiência. E embora as autoridades só tenham permitido a entrada de grupos de 27 pessoas, que se revezavam, a voz do povo ecoava dentro da sala de audiências: "Santo, a luta vai continuar".

## A luta na Bahia em 64

Washington José de Souza termina o relato de suas experiências

Em 1964, tive meus direitos políticos cassados. O Sindicato dos Eletricitistas e a Federação dos Trabalhadores na Indústria Imobiliária foram cassados, atestando a combatividade dessas entidades. Não conciliamos com as classes dominantes ou com os golpistas.

## Preso e torturado

Depois de preso e torturado, fui mantido encarcerado por seis meses. Foi o único que não foi para a solitária, porque meu estado de saúde física era precário, mas todos os companheiros passaram por lá. Saí com um "habeas corpus".

Ligdei-me então ao povo pobre e trabalhador. Só não consegui voltar a trabalhar em empresa e sobrevivo como eletricitista autônomo — sou um bóia-fria urbano. O Partido Comunista do Brasil havia previsto o golpe e nós alertamos as forças progressistas, mas os revisionistas, chefiados por Prestes, diziam: "Estamos a um passo do poder", espalhavam o idealismo e chamavam os militantes do PC do Brasil de "guerrilheiros do asfalto".

## Delegados sindicais

Cada luta tem sua importância, em sua época, mas eu destaco a desencadeada na *Sambra* para assegurar a posse de Jango. Foi a mais reprimida. A *Sambra* é uma multinacional que fica em Lobato e que o então governador, Duraci Magalhães, mandou massacrar. O dirigente deste movimento foi Daniel, presidente do sindicato da categoria, e os delegados sindicais tiveram um papel importante. Antes do

golpe os delegados sindicais eram encarregados por manter os sindicatos informados de tudo o que ocorria na empresa. E eram respeitados pelos empresários, facilitando a organização e a mobilização dos operários. Distribuam boletins e jornais sindicais nas fábricas e promoviam a sindicalização de novos companheiros.

## Avanço dos trabalhadores

A classe operária da Bahia sempre foi muito combativa. Hoje parece apática porque está dominada pelos pelegos, aliados aos reformistas, que procuram frear as massas e se aliam à repressão contra a classe. Mas a cada luta surge também lideranças autênticas.

As novas lideranças conseguiram mobilizar os operários, no momento certo. O que é preciso agora é denunciar e desmascarar os falsos líderes, pelegos e conciliadores. Vejo as lutas dos dois últimos anos com muita esperança, é a resposta aos que tentam impedir o avanço dos trabalhadores. Não fosse a traição dos reformistas e os operários teriam resistido ao golpe. Mas os conciliadores fugiram e fomos presos às centenas. Havia realmente grande disposição de luta dos operários em 1964. Falto no entanto preparação e direção consciente.

Quero homenagear três pessoas: Nelson Dourado, a quem vi menino e que foi assassinado no Araguaia; Carlos Danielli — jovem comunista que foi meu amigo, morreu sob tortura, e Maria Brandão — pela sua capacidade de lutar pela liberdade, mas que morreu esquecida. (Maria Schmitt e Artur de Paula, da *Sucusal da Bahia*)

# Nordeste no abandono: agora é a seca!

O Nordeste enfrenta uma das piores secas de sua história: 529 municípios em estado de emergência, 6 milhões de famintos, safras de milho e algodão perdidas. Governo protege grandes proprietários. População relegada ao abandono. Milhares de retirantes.

Há menos de dois meses o drama era o das enchentes. Os jornais mostravam a triste situação de centenas de milhares de trabalhadores do sertão nordestino que tiveram suas plantações perdidas, suas casas inundadas, tendo que enfrentar da noite para o dia uma situação de miséria total. Para muitos, a única chance de sobreviver com a família foi viajar para procurar trabalho nas cidades.

Agora, as manchetes dos jornais mudaram. O problema é a falta de chuva. Para os agricultores há pouca diferença entre uma calamidade e outra. Os resultados são sempre os mesmos. As plantações ficam perdidas, vêm a fome e a necessidade de fugir para escapar da tragédia.

Esta é uma situação velha, que se repete há mais de cem anos. E a preocupação com ela vem desde 1877, no Império de Dom Pedro II, quando mais de 500 mil pessoas morreram de fome, sede e doença vitimadas pela seca. Esta calamidade se abate periodicamente sobre os nordestinos, semeando miséria e morte. E cada vez o governo monta uma verdadeira farsa para dizer que "vai resolver definitivamente o problema".

## Situação grave

Mas este ano a situação está particularmente grave. Mal terminaram as enchentes e já se anuncia oficialmente que existem mais de 6 milhões de pessoas passando fome por causa da seca. 529 municípios dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí foram declarados em "estado de emergência". A área atingida é de 470 mil quilômetros quadrados, quase duas vezes a superfície do Estado de São Paulo.

Desse modo, a falta de comida e de emprego tornou-se muito maior. Os que não dispõem de nenhum pedaço de terra ou que possuem apenas um pequeno terreno, sendo obrigados a trabalhar nas terras dos outros, não puderam guardar nenhum recurso. Há muito tempo já estão sem ter o que comer. Também não têm onde conseguir trabalho. São obrigados a deixar suas casas e ir procurar arrimo nas cidades. Nos Estados do Piauí, Paraíba

e Ceará já existem muitos povoados onde só ficaram as mulheres, crianças, velhos e doentes. Em compensação, as favelas nas capitais crescem como nunca. Em Teresina, os 500 barracos da favela da Rodoviária surgiram em 10 dias.

## Repressão a flagelados

O governo, sabendo que a situação está complicada, se prepara para enfrentar a revolta dos que estão com fome. De que jeito? De duas maneiras: a primeira, com repressão policial, e a segunda, com o estabelecimento dos famosos "programas de socorro às vítimas".

Nos Estados em que as vítimas estão demonstrando uma revolta maior, como é o caso da Paraíba, Pernambuco e Ceará, a polícia foi encarregada de exercer uma vigilância dobrada, para evitar que os trabalhadores tomem no comércio das cidades os alimentos que suas famílias precisam.

Na Paraíba, a polícia estabeleceu um grande cerco das cidades para revistar os caminhões e outros veículos que conduzem os trabalhadores. Neste Estado, muitas feiras já foram invadidas pelos retirantes. No Ceará, a primeira medida que o coronel Virgílio Távora tomou foi a de colocar a polícia de alerta. Além da humilhação de ter de agir de qualquer jeito para alimentar os filhos, os trabalhadores agora estão obrigados a passar pelo vexame de serem revistados por policiais. O governo justifica sua atitude chamando os trabalhadores de "vândalos" e "saqueadores".

## Planos demagógicos

Com relação aos programas de socorro, o povo já conhece de longa data a balela. Muitos "planos de desenvolvimento rural" foram feitos. Os mais famosos são o Polonordeste e o Projeto Sertanejo. Nenhum deles apresentou resultados concretos para o problema das secas.

Se o governo diz que libera grande soma de dinheiro, pouco ou nada chega nos bolsos de quem realmente precisa. As tentativas de alimentos que o coronel Andrezza diz que envia são distribuídas apenas nos lugares onde

os agricultores estão aglomerados, preparando-se para invadir as feiras. Para evitar uma atitude mais decidida dos retirantes, distribui-se por dia um quilo de farinha para cada família.

## Terra para os lavradores

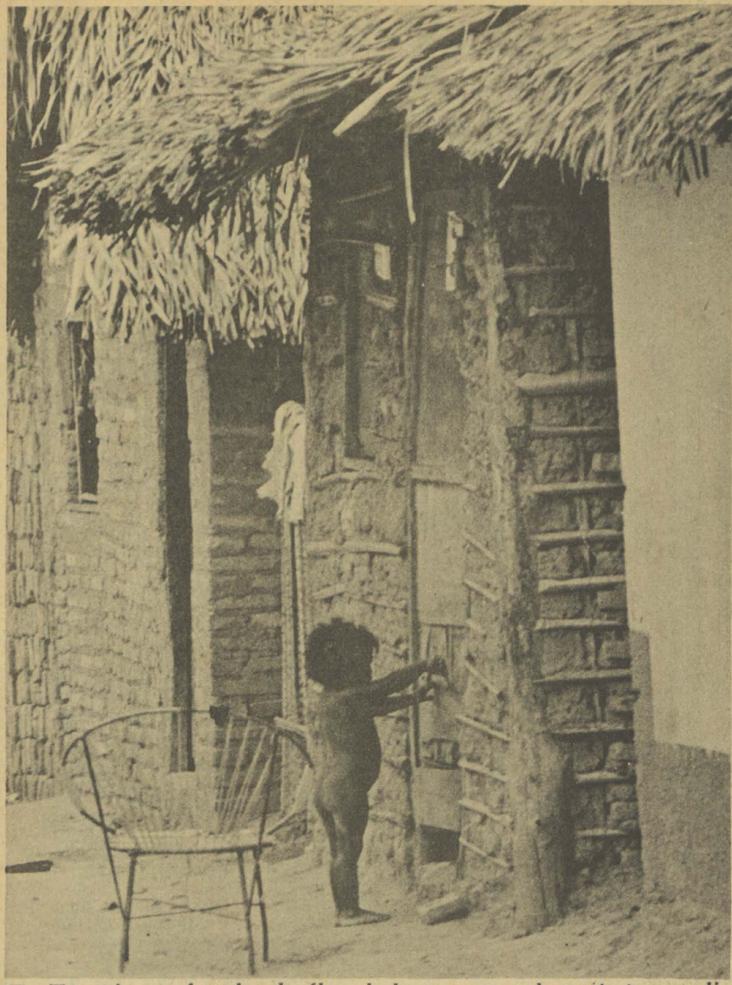
De longa data os nordestinos já sabem também quem sai ganhando nesta história. Em primeiro lugar, o governo posa de "bonzinho" para os retirantes e assim se prepara para ganhar votos. Em segundo lugar, o que é mais importante, beneficia os proprietários de terra e os comerciantes.

Abriundo as famosas "frentes de trabalho" o governo constrói estradas, barragens, e acudes que vão melhorar as propriedades dos fazendeiros. Para estes, a seca significa mão-de-obra de graça, paga (e mal paga, diga-se de passagem) pelo governo. O salário de fome que recebe cada trabalhador alistado nestes frentes, que é de cerca de Cr 2.000,00, se torna ainda menor devido a atitude dos comerciantes, que sobem os preços das mercadorias. Há lugares onde um quilo de farinha está custando Cr\$ 35,00 e o quilo de feijão Cr\$ 50,00.

Para adotar medidas diferentes, que resolvessem de fato o problema dos agricultores nordestinos, seria necessário contrariar o interesse dos ricos.

A solução do problema das secas não depende só do controle da natureza, fazendo chover quando for preciso. A solução do drama dos trabalhadores está sobretudo na mudança de suas condições de trabalho. Como se sabe, no Nordeste um número muito pequeno de grandes proprietários detêm a maior parte das terras boas para o plantio. Na ocasião da seca, os proprietários sempre se safam muito bem, a fome fica só para os pobres, que não conseguem guardar nada do que produzem.

A fome e a miséria são muito mais um resultado da terra injustamente distribuída do que da falta de chuva. Antes de falar em "socorrer" os flagelados, quando as chuvas faltam, seria necessário dar a eles o direito de serem donos da terra. Como o governo não quer e não pode dar este direito, cabe aos trabalhadores conquistá-lo. (Do correspondente em Teresina)



Em Teresina as favelas de flagelados surgem da noite para o dia



Nas frentes de trabalho, o povo constrói obras para os fazendeiros



CPT denuncia fazendeiros

## Latifúndio com medo

"Por que o povo não é ouvido? Podem vir delegações enormes de posseiros que não são ouvidos. Mas dois prefeitos e dois fazendeiros, que totalizam quatro fazendeiros, têm acesso ao ministro da Justiça". Estas palavras são de Ivo Poletto, secretário executivo da Comissão Pastoral da Terra, denunciando, em Goiânia, as falsidades dos latifundiários contra o povo simples do norte de Goiás e sul do Pará.

A denúncia foi feita a propósito da entrevista que o ministro Abi Ackel teve no dia 22 com quatro representantes do latifúndio na região. Os fazendeiros recorreram às piores invencionices para tentar justificar uma repressão em ampla escala na área. Disseram que existe uma nova guerrilha do Araguaia, fomentada pela Igreja, com homens armados de metralhadoras. Um deles, Goivanni Correia Queirós, chegou a dizer, ao relatar a morte do fazendeiro Fernando Leitão Diniz, que os "guerrilheiros" colocaram uma bandeira vermelha ao lado do cadáver.

"De parte do povo não há guerrilha", disse Ivo. "As vezes há casos como este denunciado em Brasília, em que foi morto um fazendeiro. Disseram que foi uma morte sofisticada, com bandeiras vermelhas e tudo. Percebemos imediatamente a mentira e as manobras sobre isso. Quem realmente morre, é exterminado, são os posseiros, suas famílias".

No fundo do problema está a griagem que campeia em toda aquela região, que levou à resistência guerrilheira de 1972/75 e leva agora a uma intensificação das ações de posseiros em defesa de suas terras. Quem o reconhece é o general de divisão Eduardo Jansen, ex-comandante militar da Amazônia, que declarou à imprensa: "O que há é um estado de tensão que se fermenta onde se localizam problemas fundiários, em regiões tais como as do Araguaia e Tocantins, Boca do Acre e Sul do Pará". A luta dos posseiros ganhou novo impulso ultimamente, inclusive com a ocorrência de ocupações de terras já griladas e cercadas por grandes proprietários. Daí a inquietação destes últimos, que correm logo a pedir o auxílio do governo.

## Greve em Conquista é semente para 80

Pela primeira vez em vitória da Conquista uma greve de assalariados agrícolas parou a colheita de café.

E conseguiu arrancar concessões do patronado

Depois de nove dias em greve, a primeira da categoria, dez mil trabalhadores rurais de Vitória da Conquista e Barra do Choça, na Bahia, retornaram ao trabalho. Eles avaliam que foram conseguidas conquistas significativas, pois os patrões tiveram de ceder em itens como a assinatura de carteira, igualdade de salários entre homens, mulheres e menores acima de 14 anos, pagamento de hora extra, caminhões com cobertura e segurança mínima para o transporte, escola em fazendas com 50 ou mais empregados, adicional de insalubridade para quem aplica defensivos agrícolas, e outros pontos.

Como os patrões fincaram pé em 130 cruzeiros a diária e 20 cruzeiros a lata de café catado (os assalariados querem 170 e 40) o dissídio irá agora para julgamento no TRT de Salvador.

## Uma categoria despertou

Mas os trabalhadores consideram que a vitória maior foi que eles saíram mais organizados e muitos despertaram para a importância da união e da luta. Um membro do comando de greve definiu bem isto: "Aqui em Barra do Choça a gente não podia nem fazer reunião. Durante a greve, a gente fez assembleias com mais de 2 mil pessoas, mesmo com os patrões jogando bomba no sindicato e com a polícia pisando nos calos da gente. O melhor desta greve foi que a gente semeou muito para colher no próximo ano".

Durante a paralisação, a polícia atacou os piquetes e os fazendeiros usaram a

violência física contra advogados da Contag, Fetag e líderes do movimento, além de terem recrutado trabalhadores em outros municípios. Por outro lado, faltou ajuda externa para a formação de um fundo de greve mais sólido. Mesmo assim, a greve mostrou a força dos trabalhadores rurais.

Um fato que mostra o desespero dos patrões são as acusações de que a greve foi obra de religiosos e de pessoas "estranhas à comunidade". Um trabalhador responde: "Essa conversa é antiga e é para tentar afastar quem apóia nossa luta. É claro que recebemos apoio da Igreja e de quem não é trabalhador rural. Mas os patrões receberam apoio da polícia, que não é cafeicultora".

## Olho por olho

Diante da notícia de que existem fazendeiros e seus puxa-sacos fazendo listas dos líderes da greve para entregar à polícia, os trabalhadores estão fazendo a relação dos patrões e puxa-sacos que se destacaram pela arbitrariedade para entregá-los ao povo.

A greve serviu também para mostrar quem quer enganar o povo. Como o prefeito de Vitória da Conquista que, apesar de ser do PMDB, aceitou a ajuda da polícia para obrigar o pessoal a trabalhar na sua fazenda. Mostrou também que mesmo parlamentares autênticos, inclusive da região, tiveram uma atitude omissa ou deram apoio de última hora. (Da Sucursal)

## Morte de bóias-frias causa revolta

O caminhão ia saindo da fazenda arrendada pela Cleit Plan para a Rodovia de Integração, perto de Presidente Venceslau, S. Paulo, lotado com 53 trabalhadores. Pela estrada vinha outro caminhão, um boiadeiro. Bateram. Dez trabalhadores pelo menos morreram e vários foram feridos com gravidade. Mais um desastre matando "bóias-frias", num país onde os patrões dão mais valor ao boi do que ao homem e o capim vai tomando conta da terra que por direito devia ser do lavrador.

Sebastião Bezerra da Silva, uma das vítimas, está hospitalizado, com suspeita de fratura da espinha. Ele contou à Tribuna Operária que sua mulher também estava no caminhão, trabalhava por 140 cruzeiros de diária, e perdeu o pé. O filho, de 14 anos, sofreu só arranhões e já voltou a trabalhar, por 130 cruzeiros por dia. E Mário

Leandro dos Santos, 47 anos, que quebrou algumas costelas, contou que os patrões ainda nem se mexeram para ajudar os acidentados.

A tragédia do caminhão de gado que chocou contra o caminhão de gente causou grande comoção em toda a área de Presidente Venceslau. Foi como um símbolo do drama vivido pelo povo do lugar, que cada vez mais acuado pelos poderosos fazendeiros que reservam a terra para os bois e transformam os agricultores em "bóias-frias". O sepultamento dos trabalhadores mortos no acidente foi a maior manifestação que Presidente Venceslau já assistiu. E o ambiente de tensão que ficou na região mostra bem quanto material explosivo vai se acumulando, com a penetração do capitalismo, nas áreas de "bóias-frias".



Na faixa e no povo, a vontade de ver a terra ser de quem a trabalha

## Primavera quer reforma agrária

Mais de 3 mil pessoas reuniram-se dia 18 em Andradina, a 642 quilômetros de S. Paulo, para apoiar a luta dos posseiros da Fazenda Primavera. Foi a maior manifestação da história da cidade.

Entre os oradores, falou o bispo de Lins, firmando a posição da Igreja: "Louvamos e apoiamos a perseverança da luta dos posseiros. O direito de uso e de posse da terra que vocês reivindicam é legítimo. Manifestamos o nosso protesto contra as violências daqueles que agem como se fossem donos da terra sem o serem".

## Gado toma terra do povo

Em 1960 havia 1.178 propriedades rurais na região. Em 1976 eram só 645. O latifúndio acaba com a pequena propriedade, com o cultivo de alimentos para o povo, e enche as terras de capim. "Não, somos boi para comer tanto capim", denunciaram os camponeses. Entre os fazendeiros, está J.J. Abdalla, o famoso "mau patrão", que diz ser dono da Fazenda Primavera quando na verdade não é.

## Autoridades contra

Das denúncias da manifestação, Olair, jovem camponês, disse: "A gente fica sendo atropelado por boi e jagunço, e as autoridades chamam a gente de subversivo". Seu pai, Lourenço, velho lutador, agregou: "Eu sei trabalhar, não sei o que é subversivo, contrabandista... Não teve escola pra eu estudar. Peço justiça para o homem do campo. O camponês ajuda a cons-

truir o Brasil quem ajuda a destruir é gente como o Abdalla".

As autoridades só agem contra os camponeses. O Prefeito da cidade, que é primo do Abdalla, foi para o rádio e televisão dizer que os posseiros são subversivos e comunistas.

O delegado de polícia, em vez de procurar os jagunços e obrigar o Abdalla a pagar os prejuízos que causa à plantações, fica chamando os camponeses para depor toda semana na delegacia, para dizer o que falam nas reuniões, quem participa, etc.

O presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Andradina, puxa-saco do prefeito, quer impedir os posseiros de participar na eleição do sindicato com uma chapa de oposição. Não quer receber as mensalidades atrasadas, passou a exigir título de posse da terra para o pessoal poder participar das eleições.

## Remédio certo

Os camponeses sentem que só uma reforma agrária lhes dará condições de ter uma vida melhor. O Governo, a polícia, o juiz estão do lado do Abdalla e dos outros latifundiários. E com eles a reforma agrária não será possível.

Os posseiros demonstraram admiração e conhecimento da luta dos operários do ABC. Muitas listas foram assinadas por eles pedindo a libertação dos operários presos. Eles acham que todos os que vivem do seu trabalho, fazem a riqueza do Brasil e por isso têm direito a uma vida melhor. Essa vida melhor virá com a união de todos os trabalhadores da cidade e do campo.

Marli exclusivo para a Tribuna

# "Eu vou até o fim"

Em Nova Iguaçu, uma mulher de coragem desafia o "Esquadrão da Morte"

Nova Iguaçu, a maior cidade da Baixada Fluminense (1,5 milhões de habitantes), foi considerada pela ONU como a cidade mais violenta do mundo. Ali nasceu e criou-se o "Esquadrão da Morte", que há anos atua impunemente. Ali surgiu, no ano passado, a figura sinistra do "Mão Branca", assassino de marginais, mas também de trabalhadores.

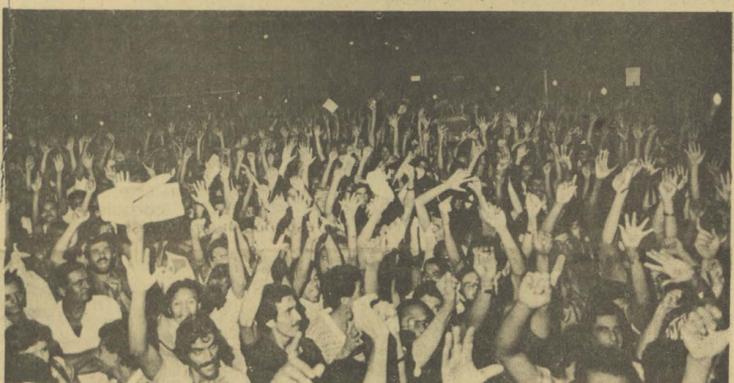
Foi em Nova Iguaçu que Marli Pereira Soares, empregada doméstica, reafirmou em entrevista à Tribuna Operária sua disposição de ir até o fim na luta que vem travando para esclarecer o covarde assassinato de seu irmão, Paulo Pereira Soares, seqüestrado em sua própria casa, à noite. Depois de sete meses de insistência na Delegacia de Nova Iguaçu e no 20º Batalhão da PM, ela conseguiu identificar alguns dos seqüestradores. São membros do "Esquadrão". E também da Polícia Militar.

"Todas as famílias que têm parentes que foram desaparecidos devem fazer como eu. Apesar do medo, devem denunciar essas mortes e procurar esclarecer tudo. Os perigos são muitos, como acontecer o mesmo que aconteceu com o desaparecido, as calúnias e difamações. Mas nossos parentes, com toda a certeza, foram mortos covardemente e eles esperam da família e de todo o mundo que suas mortes sejam esclarecidas e os culpados, seja quem for, sejam punidos.

## Gente grávida por trás

"Agora que apareceram esses quatro PMs que identifiquei, estou sendo acusada de tudo, até mesmo de ser vagabunda, mas vou até o fim, custe o que custar. Pelo menos, os homens que mataram meu irmão serão identificados. Espero que a Justiça cuide do resto. Acredito na Justiça, mas acho que ela falha. Dizem que meu irmão era bandido, mas ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém, ainda mais algemado e preso. Acredito que tenha gente grávida por cima disso tudo, mas eu só posso identificar os infelizes que cumprem ordens e cometem assassinatos".

A coragem de Marli, mãe solteira que luta para criar quatro filhos, serviu de exemplo para outras pessoas, como os



Assembléia dos operários da construção naval de Niterói

Na porta do estaleiro:

# Protesto contra o pelego

Os metalúrgicos de Niterói e Itaboraí (RJ) ficaram insatisfeitos com o resultado de sua campanha salarial recém-terminada. Acusam Moreira, o presidente do sindicato, de, além de boicotar a campanha, fazer um acordo com os patrões que não levou em conta a decisão dos trabalhadores em assembléia.

Ouvimos pela Tribuna Operária na porta dos Estaleiros MC Laren vários metalúrgicos deram sua opinião:

Disse um: "Esta campanha foi a pior até agora. O reajuste não vai dar nada. A luta podia ser melhor e, mesmo sem a greve, o presidente podia ter conseguido mais, pois havia o apoio dos trabalhadores".

Um segundo operário afirmou: "A gente poderia ter ido mais longe, se não houvesse um desentendimento causado pela futura eleição, agora em julho. Isso desuniu um pouco as elites. E a consequência foram as duas propostas na assembléia".

Entretanto na conversa, diz um terceiro: "Nós tínhamos um objetivo, o quadro de carreira, pelo qual lutamos o ano passado e não conseguimos. Ficou para este ano, mas os patrões atrasaram as negociações para não dar tempo de discutir isso. O quadro de carreira é o essencial do que queremos e essa é uma luta que vem desde 1964, quando nossos direitos foram negados".

Outro operário diz: "Esta vitória foi

# Vitória metalúrgica no estaleiro Verolme

Uma importante vitória foi conseguida pelos 5.689 metalúrgicos do Estaleiro Verolme, de Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Em negociações diretas entre a associação dos empregados, a Federação dos Trabalhadores em Indústrias Metalúrgicas do Estado do Rio de Janeiro e os patrões, foi conseguido o reconhecimento de um índice de produtividade de 11% para os que ganham até Cr 8.796,00.

Apesar de ter sido uma importante conquista do pessoal da Verolme, já que este índice de produtividade é um dos maiores já alcançados (perde apenas para os operários da construção civil de uma região do Rio Grande do Sul, que obtiveram 22%), o principal foi o estabelecimento de um período de estabilidade de 60 dias, isto é, durante dois meses, a contar do dia 1º de

parentes de José Carlos Machado Buriti, Edson Frederico Mota, José de Souza e Adilson Silva, esses dois últimos, reconhecidamente mortos "por engano", já que nem mesmo a acusação de serem "marginais" encontrou qualquer repercussão. Essas mortes ocorreram em sua maioria na Baixada Fluminense, uma das regiões mais densamente povoadas do país e de mais baixo padrão de vida. Ao lado de algumas poucas residências de luxo, proliferam favelas, falta saneamento, água encanada, o sistema de transportes é deficiente, a administração pública nunca tem recursos para a melhoria das ruas ou qualquer outra providência.

Mas o caso da família Pereira Soares deixou alguns rabos de fora que deveriam ser investigados. Segundo a revista "Veja", todos os caminhões de transporte de bebidas de fábricas como a Brahma, levam em sua cabine alguns "segurancas" à paisana. Esses homens dão proteção às empresas e já foram descobertos casos, como o de uma rede de supermercados que funciona na Baixada, de existência de celas para prisão de funcionários e até fregueses.

## Promotor comprometido

Por coincidência, o promotor que apura o caso Marli, José Pires Rodrigues, é sócio de um depósito da Skol em Queimados, cidade também na Baixada. Outra coincidência é que ele é sócio do ex-comandante do 20º Batalhão da PM, o mesmo batalhão de onde saíram os soldados reconhecidos como assassinos de várias pessoas, coronel Eliseu Santos Filho. Além disso, apesar de o caso da família Buriti ainda estar no início, estão sob suspeita alguns donos de padarias da região como os mandantes da morte de José Carlos Buriti.

Todo mundo sabe que para manter um aparato policial é preciso dinheiro. Armas, munição, carros, gasolina (o "Mão Branca", mais novo nome do Esquadrão da Morte, tem até assessoria de divulgação) custam muito dinheiro. Quem paga isso? Quem tem interesse em combater o banditismo gerado pela má distribuição da renda nacional sem ao menos um julgamento? Serão os donos das grandes cervejarias? Os donos das padarias? (Da sucursal do Rio).

A luta pelo esclarecimento desses crimes, conduzida sob grandes riscos pela Comissão de Familiares de Detidos e Desaparecidos (FDDRP) na Argentina, e apoiada por diversos países e entidades, até mesmo a OEA, também começou a ganhar corpo no Brasil. No dia da chegada de Figueiredo à Argentina, os consulados argentinos em diversas cidades brasileiras receberam um abaixo-assinado, assinado por parlamentares, sindicatos e entidades democráticas brasileiras, contendo as reivindicações apresentadas pela FDDRP e o aparecimento dos detidos-

patronal porque houve um descuido tremendo da diretoria do sindicato. Desde 1979 havia uma comissão paritária para discutir depois do contrato de trabalho assinado com os patrões. Isso foi tudo esquecido, foi um verdadeiro fracasso por culpa da diretoria do sindicato".

Um quinto trabalhador opinou: "Nessas negociações invertem-se as bolas, foi uma negociação de xaveco que tirou todo poder de luta dos companheiros, mas eu acredito que com a vitória da chapa renovação a situação vai melhorar".

MOREIRA FRAQUEJOU

"Moreira fraquejou nas horas precisas, dividiu os companheiros, ele não vai conseguir mais nada com a categoria", comenta um. E outro logo emenda: "Ele boicotou a oposição, quando ela tentava ajudar e assim boicotou os trabalhadores, que lutavam pelo quadro de carreira. Ele surgiu com a proposta de 15% pra dividir. E o quadro de carreira era decisão da assembléia".

Um trabalhador ainda comenta: "Ele sempre foi um desonesto. Agora ele botou toda a manga de fora, mas sempre foi um desonesto. Em 1979 ele não se deu bem graças ao espírito de luta das massas. Mas agora ele estava preparado e usou de desonestidade" (Sucursal do Rio).

Outra conquista dos metalúrgicos fluminenses foi a implantação do sistema de delegados sindicais nas cidades de Três Rios e Paraíba do Sul. Os representantes serão eleitos pelos operários e terão imunidades sindicais para poderem atuar junto a seus colegas, fazendo a ligação entre o sindicato e os companheiros de cada fábrica. (Sucursal do Rio).

INTERNACIONAL

# Rebelião na Coreia

Depois de 30 anos de ocupação militar americana e ditadura feroz, o povo da Coreia do Sul resolveu levantar a cabeça. A luta se acendeu por toda parte e na cidade de Kwangju (850 mil habitantes) assumiu a forma de um levante armado. Os moradores da cidade, sobretudo jovens trabalhadores e estudantes, tomaram as suas armas e dominaram a cidade até serem vencidos pelas tropas governistas. Exigiam o recuo dos generais que deram o golpe militar de 18 de maio: o fim da Lei Marcial, a libertação do líder oposicionista Kim Dae Jung e dos demais presos políticos.

## Entregar as armas não

Uma comissão de personalidades de Kwangju chegou a acertar com o governo um acordo de cessar-fogo. Mas a população rebelde não aceitou o acordo, pois ele significaria entregar as armas tomadas e ficar à mercê da vingança governista. Jovens combatentes tomaram posição para defender a cidade, enquanto o regime militar mobilizou 10 mil soldados para esmagar o movimento, que pode se estender a Mojujo, Shonju e outras cidades.

As ações revolucionárias estão acontecendo apesar (e em grande parte por causa) do chamado milagre econômico sul-coreano e da "abertura política" ensaiada nos últimos meses.

O "milagre", na Coreia como no Brasil, significou na verdade um crescimento do capitalismo dependente, enquanto os trabalhadores, ganhando 2 mil cruzeiros por mês, começaram a apelar para a greve. E a "abertura", patrocinada por Jimmy Carter depois

# Apoio ao povo argentino

Enquanto os ditadores se abraçam, unem-se os povos dos dois países

O general Figueiredo concluiu dia 17 passado uma viagem à Argentina, destinada a "estreitar os laços de amizade" entre empresários e militares brasileiros com uma das mais sinistras ditaduras do continente, responsável por mais de 18 mil mortos e 12 mil desaparecidos — entre os quais seis brasileiros — além de 500 mil exilados.

A visita resultou em vários acordos contra os interesses de ambos os povos, como o de complementação industrial, destinado a combater greves usando as importações para enfraquecer a pressão sobre os patrões. E a solidariedade entre a reação brasileira e a argentina, como aliás o general Videla deixou bem claro. Uma articulação que exige como contrapartida a solidariedade entre os povos dos dois países, especialmente o apoio à luta do povo argentino contra os crimes da ditadura.

A luta pelo esclarecimento desses crimes, conduzida sob grandes riscos pela Comissão de Familiares de Detidos e Desaparecidos (FDDRP) na Argentina, e apoiada por diversos países e entidades, até mesmo a OEA, também começou a ganhar corpo no Brasil. No dia da chegada de Figueiredo à Argentina, os consulados argentinos em diversas cidades brasileiras receberam um abaixo-assinado, assinado por parlamentares, sindicatos e entidades democráticas brasileiras, contendo as reivindicações apresentadas pela FDDRP e o aparecimento dos detidos-

## A grande traição ao socialismo (II)

# URSS é imperialista

Na edição passada, mostramos o caminho que a União Soviética percorreu para abandonar a construção socialista e voltar a ser um país capitalista, com uma nova burguesia, feroz e exploradora da classe operária soviética. Agora, mostramos como o capital monopolista da URSS se concentra e vai para o estrangeiro explorar e oprimir outros povos e países.

Desde o início do processo de restauração capitalista, as empresas soviéticas se organizaram em autênticos monopólios, realizando uma concentração monopolista, isto é, os maiores engolindo os menores. Prova disso é que enquanto em 1960 existiam 200 mil empresas industriais, em 1970 só existiam 50 mil. Ao mesmo tempo, aumenta a exploração dos trabalhadores soviéticos. A própria imprensa da URSS reconhece que os lucros no período de 1971/75 foram uma vez e meia maiores do que entre 1966 e 1970. A taxa de exploração da classe operária soviética em 1975 foi 25% mais elevada do que em 1960. E, a situação está preta para os nossos companheiros soviéticos...

## Portas abertas às multís

Como se não bastasse tudo isso, os novos dirigentes ainda abriram as portas para a exploração capitalista estrangeira. Dezessete multinacionais norte-americanas, 18 japonesas, 13 alemãs ocidentais, 20 francesas, 7 italianas e outras, se instalaram ou possuem escritórios na União Soviética. A "Coca Cola" opera também na União Soviética.

## Expansionismo

Ao surgir como capitalismo monopolista de Estado, muito concentrado, a nova economia logo teve de procurar em outros países colocações mais lucrativas para seu capital. Essa expan-



O povo da cidade de Kwangju, de armas nas mãos

do assassinato do antigo ditador Park Chung Hee, foi um fracasso ainda maior e mais rápido. O povo tratou de aproveitar a brecha para exigir seus direitos. Veio a "fechadura" de 18 de maio, mas a insurreição de Kwangju mostra que vai ser difícil uma volta para a "paz dos cemitérios" que existia antes.

## Imperialistas preocupados

A rebelião antiditatorial enche de preocupação as potências imperialistas, principalmente os Estados Unidos e o Japão, que têm grandes interesses econômicos e estratégicos na Coreia do

desaparecidos com vida, a libertação dos detidos sem processo, o julgamento dos presos já processados, o direito de opção pelo exílio, a revogação da lei 22068 (que considera mortos os desaparecidos há mais de um ano) e o fim das perseguições por motivos políticos.

Esse primeiro passo na solidariedade causou enorme satisfação entre grupos de exilados argentinos no Brasil, calculados em mais de 80 mil. Segundo afirmou um deles, "até o momento, contamos com todo o apoio e carinho do povo brasileiro, mas este é o primeiro ato organizado em prol do nosso país. E esperamos que essas iniciativas, tanto a favor dos seis brasileiros desaparecidos como em defesa dos direitos humanos na Argentina, aumentem cada vez mais, como no caso da Flávia Schilling".

O Comitê Brasileiro de Anistia (CBA), junto a outras entidades e sindicatos, após o abaixo-assinado, deverá realizar outros atos de apoio, como uma campanha de denúncias de violações dos direitos humanos na Argentina. Diversos sindicatos, por sua vez, interpellarão o governo argentino sobre o paradeiro de trabalhadores de suas categorias, assim como entidades estudantis. E novas formas de solidariedade deverão ser ativadas — respondendo ao apoio que o povo argentino deu ao Brasil durante os anos negros da repressão em nosso país.



sendo atingidas nos setores petrolífero, petroquímico, siderúrgico. Em outros ramos, como os de materiais de construção, aço, cimento, aparelhos de rádio e máquina de lavar, entre outros, houve uma diminuição da produção entre 1978 e 1979.

## Falso socialismo não engana

A situação soviética ainda confunde muitas pessoas porque, apesar de voltar ao capitalismo, o regime conservou as aparências do período socialista. Assim, o partido ainda se denomina "comunista", apesar de já ter perdido todo o seu caráter proletário-revolucionário. O Estado ainda se declara soviético, apesar de a classe operária ter perdido por completo o seu papel dirigente dentro dele.

A manutenção de todo este mundo de aparências é essencial para a nova classe dominante soviética. Ela só legitima seu poder se consegue aparecer como herdeira e continuadora dos tempos em que o socialismo era uma realidade. Mas as contradições do novo capitalismo soviético pouco a pouco vão minando essa fachada e mostrando seu interior apodrecido. Tentando sair da crise, Brejnev promove a troca de ministros e faz um aprofundamento das reformas de Kossiguin. Não adianta. E já há indícios de um ressurgimento de lutas operárias na União Soviética, o início da caminhada para uma segunda revolução proletária que retome o caminho de Outubro. (Luis Fernandes)

Fundação Maucício Grabis



# Fala o Povo

"Fala o Povo" é um forte elo de ligação com nossos leitores. Mostra bem que quem lê nosso jornal e se identifica com ele são as massas simples do povo, operários, camponeses, donas-de-casa, estudantes. Nesta seção eles fazem suas denúncias, relatam as injustiças que sofrem, contam suas experiências de luta e suas vitórias. "Fala o Povo" é uma pequena amostragem da vida de cada dia, dos esforços, do trabalho e do combate de nosso povo. Contribua para que esta seção seja uma troca cada vez mais rica de experiências. (Olivia Rangel)

## Mais um pelego na mira dos operários

O sr. Carlos Augusto Coimbra de Melo provou mais uma vez ser um grande pelego, desrespeitando o consenso da comissão de negociação de salários e da assembleia do dia 24 (de abril). Fora decidido que dia 28 seria o dia decisivo nas negociações e que no dia 29 a assembleia daria o veredito final. Os patrões se comprometeram a apresentar contraproposta no dia 29. As 14 horas este senhor pelegão manobrou, saindo com uma proposta e deu aos patrões em nome da classe 90 dias para apresentar propostas concretas sobre o quadro de carreira, esvaziando assim as negociações e traíndo toda a classe. (Um operário da construção naval de Niterói, RJ)



## Cuidado com os pelegos!

Cuidado! Muito cuidado com essa famigerada "Unidade Sindical" que basicamente segue as orientações de determinadas correntes políticas no sentido de segurar o movimento de massas. Essas posições refletem o pensamento pequeno-burguês que, às vezes parte para a conciliação e as vezes para o aventureirismo.

guns que conseguiram quase na marra pegar o microfone para dizer algumas palavras foram chutados por baixo para dar término às suas falasções. É o caso do companheiro metalúrgico Joaquim Arnaldo, que foi advertido diversas vezes, com esses métodos próprios da polícia fascista.

No momento em que a atual conjuntura não permite que a gente se "finja de morto" para o inimigo, é importante para os setores populares aproveitar as condições objetivas que amadurecem, para fazer profundas mudanças em nossa sociedade e fazer avançar o movimento popular.

Não dá mais para conciliar com essa gente. A tarefa nossa agora é de caminhar para um Congresso de Unidade Democrática e Popular, que reúna todas as forças vivas de oposição deste país, que estão realmente interessadas em acabar com esse regime. Vamos também lutar pela Central Única dos Trabalhadores, sem pelegos e oportunistas, que lute realmente pelo interesse do trabalhador.

Pois bem! Qual não foi a decepção ao se aproximar o 1º de maio aqui no Rio e a famigerada "Unidade Sindical" faz uma convocação para um ato dito político e festivo e convidou chaguistas, pelegos e oportunistas diversos! Enquanto esses policiais falavam à vontade, os representantes de base e sindicalistas autênticos faziam das tripas coração para que a coordenação do ato possibilitasse que eles falassem. Al-

Gostaria de lembrar a todos os companheiros combativos a participarem e divulgarem os Encontros que as oposições sindicais e sindicalistas autênticos estão promovendo no país. Esses eventos a meu ver deverão ser os primeiros passos para a unificação de toda a oposição. (J.D.S. - Rio de Janeiro, RJ)

## Moreira, pelego, os operários estão sabendo

Venho por meio desta dar o parecer dos metalúrgicos de Niterói, de que faço parte. Nosso sindicato tinha o dever de preparar a categoria para este ano, o que não veio a ocorrer.

Foi bom para o sr. Moreira; foi o "fundo do poço" para nós, metalúrgicos de Niterói. Agora só resta aos companheiros ficar sabendo o que ocorreu durante as negociações com os patrões. Foi uma vergonha para nós saber que antes das negociações o sr. Moreira se reunia com os representantes dos patrões para enfraquecer o nosso movimento.

Companheiros: o que conseguimos este ano devemos agradecer à nossa comissão, que além de brigar com os patrões teve que brigar com o próprio presidente do nosso sindicato. (A.G. - Niterói, RJ)

## Têxteis: luta pelo sindicato

Em toda a categoria têxtil as grandes empresas estão preocupadas em acabar com a organização dos trabalhadores fazendo revezamento de quatro turmas que trabalham constantemente sábados e domingos. O trabalhador vai folgar apenas um domingo a cada sete semanas.

Além disso o setor é bastante insalubre. Os companheiros sofrem com o ruído, poeira e química sem ter nenhuma proteção e ainda trabalham oito horas e meia recebendo apenas oito horas. Na maioria das empresas não existe nenhuma condição de higiene, sem contar o grande número de trabalhadores que são dispensados irregularmente por justa causa.

E quando o trabalhador procura o sindicato para lutar pelos seus direitos, encontra uma diretoria pelega que está ali para dedar e desmobilizar a categoria defendendo os interesses dos patrões.



nos sindicalizar, vamos tirar esses policiais dedo-duros e pôr uma diretoria que lute pelos interesses dos trabalhadores. (Movimento de Oposição pela Reconquista dos Sindicatos - S. Paulo)

Por isso convocamos todos os trabalhadores para juntos travarmos uma luta para construirmos um sindicato autêntico. Vamos

## Maluf quer destruir este hospital

O Hospital das Clínicas da Universidade de Campinas corre sério risco de ser fechado devido à grave situação em que se encontra. Faltam verbas, não há funcionários suficientes, as condições de funcionamento são precárias.

após a realização de duas assembleias, fazer uma ampla campanha de divulgação e mobilização de toda a população para que assumamos mais essa luta: o hospital não pode ser fechado!

Quem vai sentir a falta deste hospital? Certamente não é a classe privilegiada. São os trabalhadores da periferia e cidades vizinhas, que não têm o INPS; os favelados, os indigentes, enfim uma enorme parcela da população que vive na miséria.

Houve quem quisesse desativar o hospital em 30%. Esse hospital já vem se desativando há muito tempo. A enfermaria de pediatria oferecia 90 leitos, que hoje estão reduzidos a 30, sem perspectivas de recuperação. As obras do prédio definitivo estão paralisadas por falta de verbas. A desativação de 30% tranquilizaria mais ainda esse governador irresponsável que não se preocupa o mínimo com a saúde de nosso povo.

nador irresponsável que não se preocupa o mínimo com a saúde de nosso povo.

Portanto, a acertada decisão de não desativar, dar prazo de 1 mês para solução do problema e caminhar para uma greve com paralisação total é justa, consequente e a favor do povo pobre. Antes parar todo o hospital e denunciar o abandono por parte das autoridades do que continuar desativando, cortando os serviços a uma população que só conta com estes socorros. (Um funcionário do hospital - Campinas SP)

## A Carambei é uma fábrica de horror

Gostaria de relatar mais este absurdo de exploração que ocorre em Londrina.

Na Indústria Têxtil Carambei S.A., os operários são explorados ao máximo por esta indústria patriarcal. O que relaterei são apenas algumas das arbitrariedades cometidas contra o operariado.

Os operários trabalham sem a proteção mínima devida: o ambulatório só serve para aplicar esparadrapo. E com relação à jornada de trabalho, eles são roubados em meia hora todo dia no almoço e na hora extra noturna. Eles têm apenas meia hora de almoço: o porteiro da empresa é quem bate os cartões e sempre picotando uma hora (das 10:30 às 11:30) sendo que eles saem às 11:00 e voltam às 11:30.

As empregadas são coagidas para práticas sexuais; qualquer princípio de contestação e a dispensa vem a galope. Nas seções de degomagem, os operários que operam com máquinas trituradoras de rami, quase sempre sofrem acidentes, por falta de segurança. Nesta mesma seção, os que trabalham com soda cáustica e ácido sulfúrico usam apenas uma bota (furadas às vezes) e um saco plástico como avental. Queimaduras ocorrem com frequência.

Houve um caso em que um trabalhador havia sido operado do estômago e quando voltou a trabalhar no serviço pesado os seus pontos estouraram e ele teve



que ser novamente operado. Ainda em recuperação, ele pediu que o "encostassem" pelo INPS e a resposta que obteve foi que se não estivesse gostando, que pedisse a conta. No final, como ele é um favelado (aliás todos os que lá trabalham são favelados, fora os puxa-sacos) e precisa de dinheiro, foi obrigado a voltar a trabalhar.

Ocorrem sempre princípios de incêndio na fiação e os puxa-sacos dizem que não há perigo (para eles, que estão numa sala distante). O sindicato dos Trabalhadores do Rami está entregue a pelegos de marca maior e que apenas recebem o dinheiro dos operários.

Há demissões em massa. Estas demissões ocorrem sempre na entresafra do rami e a dispensa diária é enorme (de 10 a 20 no

mesmo dia). Quando as empregadas são antigas são obrigadas a tirar mato que cresce entre os paralelepípedos com uma faca e de joelhos. Como elas se cansam desta "tarefa", são obrigadas a pedir a conta.

## Tingiplast mata operário

Estou escrevendo para o jornal Tribuna Operária para denunciar o assassinato do companheiro Francisco Francimar, que trabalhava na Tingiplast, situada na rua Santa Luzia, nº 87 em Taboão da Serra. O mesmo foi covardemente assassinado pelo guarda de segurança, com 2 tiros, no dia 12 de fevereiro deste ano.

O guarda Abelardo, da mesma firma, voltou a trabalhar 10 dias depois, sem nem mesmo ser advertido. O companheiro Francisco Francimar, de 19 anos, natural de Açaré, no Ceará, deixou um filho e esposa passando fome. O Sr. Murilo Macedo esqueceu-se de intervir na Tingiplast. Mas lá precisa e nos sindicatos não, porque Lula não assassinou ninguém. (Um metalúrgico de Taboão da Serra, SP)



## Borlém dá hora extra e depois demite

Depois da greve de novembro (de 1979), a fábrica Borlém, de Garulhos, com apenas uma festa no "Play Center" e um bonê, convenceu seus funcionários de que é uma boa firma.

Para conseguir tirar seu prejuízo, começou a dar hora extra para seus funcionários. Houve até um boato de que o diretor da firma disse que davam hora extra para seus funcionários porque eles necessitavam. Mas isso era apenas desculpa, porque quem necessitava era a Borlém. Depois de 6 meses, ela conseguiu um bom estoque de mercadorias. E deixou os funcionários que estavam acostumados a fazer hora extra a ver navios. (Um operário da Borlém - Garulhos - SP)

## As árvores são do povo. Ninguém derruba!

No dia 10 de maio foi realizada uma passeata ecológica nas ruas centrais de Juiz de Fora, que contou com a presença de cerca de 150 pessoas. O objetivo foi denunciar à população da cidade o desmatamento de dois alqueires de matas da Fazenda Floresta (que conta com 100 alqueires), que muito prejudicará o equilíbrio ecológico da cidade.

Durante a passeata foi apresentada uma peça do Grupo Teatro de Rua, de Niterói, que se encontrava na cidade. Também foi distribuída uma Carta Aberta à população com os seguintes dizeres: "Juiz de Fora é vítima de mais uma violência. Outra vez é atingida a Natureza. A mata existente em frente ao Seminário da Floresta está para ser negociada por proprietários que não atentam para o bem comum e cuja única finalidade é o lucro. Repudiamos o crime contra a natureza e o bem estar da maioria. A especulação imobiliária, o crescimento industrial desordenado e a exploração irracional dos recursos naturais para garantir os lucros individuais têm que ser eliminados. Exigimos que municipalidade tome uma posição. O ar é de todos. Preservar sim, desmatar não. Pelo controle popular dos recursos naturais". (Grupo de Amigos da T.O. em Juiz de Fora, MG)



## Negros contra o racismo

"Chega de migalhas! Estamos aqui reunidos para exigir deste governo ditatorial, o que nos foi negado durante esses 500 anos de opressão". Com essas palavras, Eduardo de Oliveira, poeta e membro da União Brasileira de Escritores, iniciava o seu discurso diante de 1500 pessoas concentradas ao redor da estátua da "mãe preta" no largo do Paissandu, aqui em São Paulo, no dia 13 de maio último, dia escolhido pelo Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial como Dia Nacional de Luta Contra o Racismo.

Joaquim Gomes, garoto de 13 anos, assassinado no morro da Mangueira, na escola onde estudava, por uma bala "perdida" de um policial militar.

No documento oficial distribuído durante a manifestação enfatizava-se que a tão propagada "abolição" apenas "aliviou os senhores de escravos do peso que havia se transformado a escravidão atirando o negro ao desemprego, subemprego e na marginalidade". Lembra também o documento do MNU dos companheiros "Orcílio Gonçalves, de Belo Horizonte; Santo Dias da Silva, de São Paulo; ambos operários assassinados pela polícia quando participavam de manifestações grevistas, além de Aécio da Silva Fonseca, sergente morto em consequência de torturas no 16º DP do Rio de Janeiro; e Márcia

Após o ato de protesto foi realizada uma passeata com destino às escadarias do Teatro Municipal, com a presença de 2000 pessoas, com palavras de ordem onde ficava bem claro a posição do negro sufocado nestes quase 500 anos de opressão.

Estiveram presentes na manifestação aqui em São Paulo as seguintes entidades: IBEA, Grupo Somos, MNU - Ribeirão Preto, PMDB na pessoa do vereador Benedito Cintra, ECO - Experiência Comunitária, Associação de Negros da Casa Verde, APEESP, UBE, Comitê de Solidariedade à Greve dos Metalúrgicos, Genésio Arruda, suplente de vereador (PMDB - Carapicuíba-SP), Movimento das Mulheres Negras, Grupo Negro da PUC, Grupo Negro de Itaquera, Movimento Contra a Cereária, Grupo Quilombo de Literatura, e outros.

Manifestações semelhantes foram também realizadas no Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e outros. (G.N. - São Paulo)

## Ao trabalhador oprimido: lute, amigo!

Em primeiro lugar quero cumprimentá-los pelo belíssimo trabalho que vêm realizando. Espero que sigam com a força que obtiveram e que nós façamos o possível para manter um jornal que fale, que esbraveje, que grite em prol da classe majoritária.

O patrão, tem seus direitos, mas estes acabam ao atingir os direitos do empregado. Para colocar as coisas ainda piores, juntos os pertences do trabalhador e despejou-os numa das ruas da cidade. Este patrão merece ser punido.

Há poucos dias li neste jornal edição de 1, a 17 de maio, um fato estardalhaçado: a denúncia de um catador de alagado, da Fazenda Calindó, interior da Bahia. Este sofreu uma punição por parte de seu patrão. Além do mais, o "bonzinho" atirou em sua direção. E segundo as leis de justiça se não que ainda existe justiça, a praticando um homicídio.

Quando ao empregado, que recebe meus sentimentos mas a quem não dá o mesmo, a gente vence. (W.R.P. - Itaboraí, MG)

Fundação Maurício Grabois

# Rio Gravataí pertence a todo o povo

A população do Vale do Rio Gravataí, que banha as cidades de Gravataí, Cachoeirinha, Alvorada, Viamão, Canoas e parte de Porto Alegre, está desenvolvendo uma luta em defesa deste rio.

O Gravataí, que abastece de água mais de 500 mil pessoas, na sua maioria trabalhadores, corre o risco de desaparecer a curto prazo: fazendeiros da região decidiram drenar os banhados que formam as nascentes do rio, incorporando-os às suas terras. Desta forma, sob as vistas grossas das autoridades, apropriaram-se ilicitamente de 75% da área dos banhados, que originalmente abrangiam 15 mil hectares. A isso somou-se a poluição de suas águas pelo grande número de indústrias que se instalaram na região nos últimos anos.

Para a população isto significou, entre outras coisas, a diminuição do abastecimento de água tratada e a necessidade de ferver e filtrar a água para poder beber. Não se pode prever as consequências a médio prazo para a saúde da população. E a situação tende a piorar a cada dia.

Diante dessa grave situação, diversas associações de vilas, o Círculo Operário de Gravataí-Cachoeirinha, as comunidades cristãs de base e a Associação de Preservação da Natureza de Gravataí decidiram mobilizar a opinião pública contra o fato e promover uma "proclamação ecológica" para o próximo dia 1º de junho às 14 horas.

Mais de 3 mil impressos já foram distribuídos nas vilas e bairros, clubes de mães e escolas. Durante o ato, ao final da proclamação, será lido um abaixo-assinado que circulará entre os presentes e será levado às vilas e bairros, visando a preservação do rio.

Estes fatos vêm demonstrar que os problemas ecológicos de preservação do meio ambiente tocam muito de perto os interesses da classe operária e dos trabalhadores em geral. Pois não são os ricos que sofrem as consequências da contaminação do meio ambiente. A parte pior toca aos trabalhadores, expulsos para as periferias das grandes cidades.

Só uma sociedade em que o interesse social prevaleça sobre o interesse individual, sobre o lucro, será capaz de solucionar definitivamente a importante questão da preservação do meio ambiente. (A comissão organizadora da passeata - Porto Alegre, RS)

# Está difícil para o camponês

A situação do camponês é tão difícil que é quase impossível imaginar. Aqui no Maranhão pra se botar uma roça está ficando cada vez mais difícil: as terras estão quase todas tomadas pelos grileiros semelhantes ao governador biônico João Castelo e ao senador-chefe do PDS, José Sarney. O que mais se tem no Maranhão de hoje é a praga do grileiro.

Um exemplo concreto de como o camponês maranhense é explorado é o tão propagado financiamento bancário. O camponês só pega no dinheiro de três vezes. Além disso, quando ele vai tirar a primeira parcela, já recebe com desconto dos juros do total do dinheiro. A última "parcela" o camponês só recebe no tempo da "panha" (colheita) do arroz, já quase nos dias de efetuar o pagamento no total do empréstimo do banco.

O banco financia dizendo que o custo da produção de uma linha de roça é de mais ou menos 1.300 cruzeiros, quando na realidade o custo hoje é de 5.310 cruzeiros. O valor da produção é de 2.825 cruzeiros. Então, o camponês tem

um prejuízo só na produção de 2.485 cruzeiros. E ainda tem o roubo dos juros do banco e do tempo das divisões na entrega das parcelas. (...)

Interessante se notar é que o dinheiro dos financiamentos é o dinheiro dos impostos pagos pelo povo. Enquanto para o camponês a quantia emprestada é pequena, o prazo nunca chega a um ano, para os grandes latifundiários e grandes empresas são vultosas somas emprestadas a juros baixíssimos, com incentivos fiscais. E com prazo de até oito anos ou mais.

Só resta ao camponês uma saída: a luta. E luta ferrenha para derrubar essa ditadura que tanto explora e massacra os milhões de brasileiros. Só com a derrubada da ditadura e a constituição de um governo popular e democrático os camponeses terão seus direitos reconhecidos, sua produção valorizada e sua vida melhorada. Terão liberdade de se organizar e lutar mais até conquistar a liberdade política em aliança com sua aliada, a classe operária. (V.A.M. - Pedreiras, MA)

# Trabalhadores contra jagunços em Xapuri

Vivemos horas agitadas neste país arrasado por mais de 16 anos de repressão e miséria, fome e medo. Hoje o povo chega à conclusão de que não será mais possível continuar assim. Todas as classes, todos os trabalhadores, os setores estudantis, a classe média, a grande maioria do povo deve compreender que não é mais possível viver debaixo dos grilhões da escravidão imposta por uma pequena minoria de laçaios sedentários de nosso suor e enriquecida às custas de nossa miséria e que agora pretende entregar a Amazônia, a única riqueza de que dispomos, aos trustes internacionais.

"Todos os trabalhadores rurais da Amazônia levam seu grito de protesto contra o maior crime que os ditadores tiranos querem praticar. Eles querem entregar nossa floresta e agora resolvemos dizer uma basta. O Acre custou a vida e o sacrifício de nossos antepassados. Portanto estamos resolvidos a seguir o exemplo daqueles heróicos nordestinos que, de armas nas mãos, fizeram do Acre um pedaço de solo brasileiro" - Essas são palavras de trabalhadores rurais de Xapuri.

Para confirmar estas frases, há poucos dias mais de 100 trabalhadores se uniram para "empatar" (impedir) a devastação de mais de mil alqueires de terra, o que deixaria dezenas de famílias abandonadas sem terra e sem trabalho.

Enquanto isso, os grandes empresários ameaçam líderes sindicais, dizendo que têm jagunços suficientes para enfrentar os trabalhadores. Por outro lado, mais de mil trabalhadores afirmam que qualquer atentado contra a vida de um de seus companheiros resultará num conflito idêntico ao de 1902, sendo que desta vez a luta seria contra todo tipo de exploração, imperialista ou não.

Os trabalhadores rurais de Xapuri querem também protestar contra a prisão arbitrária e ilegal dos líderes metalúrgicos e dão seu integral apoio à luta dos companheiros da cidade, dizendo de peito erguido: "É justa vossa luta, assim como é justa a nossa". Apoiamos todos aqueles que reconhecem a razão de nossa luta e protestamos contra todos aqueles que as desconhecem. (F.M.F. - Xapuri, AC)



# O governo não faz? o povo faz e defende!

O Centro do Adesim é um povoado de 45 casas que se localiza numa área de litígio entre os municípios de Esperantinópolis e Barra do Corda, no Maranhão.

Esse lugar começou a ser habitado há mais ou menos 15 anos. Durante todos esses anos temos lutado para conseguir melhorias para o povoado. E as autoridades de Esperantinópolis nada fizeram até hoje. A água, no verão, nós buscamos nas costas de animais, até com três léguas de distância. Estradas? No inverno, temos que andar a pé quatro léguas para conseguir pegar um transporte. Com inverno rigoroso (chuvas intensas) isso pode se transformar em 10 léguas ou mais. Escola, nunca funcionou normalmente por falta de interesse das autoridades. E também, pudera, com um salário de 400 cruzeiros por mês, qual professora pode se interessar? Agravou-se nos últimos anos a

disputa entre os dois municípios e resolvemos entrar na jogada. Começamos a exigir nossos direitos também em Barra do Corda. Aos poucos fomos sendo atendidos em pequenas coisas. Veio água no caminhão tanque, no verão passado. Couvou-se um acúde que, mesmo não resolvendo a situação, melhora um pouquinho. A escola? Conseguimos uma ajuda financeira no valor de 800 cruzeiros e estamos pagando uma professora particular.

Veio um tal de fiscal das escolas, mandado pela prefeitura de Esperantinópolis, um elemento que dizem ser vereador, um tal de Chico Monteiro. E o que ele fez? Fechou a escola. O povo se reuniu e resolveu continuar com a escola. E ainda fez mais: a professora, que ensinava só num período, passou a ensinar nos dois. E está começando o período da noite para os adultos e crianças que trabalham na roça.

Isso tudo é fruto do aprendizado do povo, que não está mais querendo obedecer a essas autoridades arbitrárias e que não defendem os direitos do povo. É o povo começando a passar por cima das ordens de autoridades que não merecem ser obedecidas. Essas autoridades que só vêm aqui no povoado quando vêm pedir voto em tempo de eleição ou quando mandam polícia para espancar os camponeses ou humilhar os outros fazendo-os correr rua abaixo, rua acima, debaixo da mira de armas, como aconteceu não faz muitos dias. Isso mandado pelas autoridades políticas do hoje chamado PDS, a antiga ARENA.

Mas o povo já está começando a aprender a conhecer quem são seus amigos e seus inimigos. Esses elementos não perdem por esperar. Como diz o ditado, "o feitiço vira contra o feiteiro". (Um lavrador de Esperantinópolis, MA)



# Deputados do PDS avacalham Assembléia

Quero denunciar uma coisa muito grave que vem acontecendo na Bahia, na Assembléia Legislativa do Estado, onde há duas semanas os deputados não se reúnem em sessão por falta de quórum! O que é mais grave ainda é que todos continuam recebendo seus salários, sem o menor desconto, como se estivessem trabalhando. Sabemos que o trabalhador brasileiro, que, na sua maioria por motivos justos, quando falta no trabalho, tem descontos em seu magro salário.

É de se lamentar que os deputados eleitos e pagos pelo povo, com salários que chegam a 120 mil cruzeiros não se reúnem para defender os interesses do povo, que vem sofrendo as consequências da desastrosa política econômica da ditadura.

Esta semana estive na Assembléia e o que vi foi deestarrar: deputados bem vestidos e falantes tomando cafezinho, batendo papo, enquanto o plenário estava vazio e a sessão deixava de ser realizada por falta de número!

Um deputado da oposição, do

PMDB, nos disse que todas as vezes que algum fato de repercussão nacional que comprometa a ditadura está em cena, os deputados do PDS, através de suas lideranças, lançam manobras para evitar as sessões. No dia 14 de maio os deputados do governo não compareceram à assembléia para evitar que a oposição pusesse em discussão o problema do deputado paulista João Cunha, que a ditadura está pretendendo processar.

Peço-lhes publicar e divulgar este absurdo, que não creio seja específico da Bahia, para mostrar ao povo baiano e brasileiro o centro de achincalhe, deboche, corrupção, carreirismo em que a ditadura transformou o parlamento. Como disse o líder baiano do PMDB na Assembléia, deputado Luciano Ribeiro, rasgando o original de um discurso em que denunciava as manobras do governo para adiar as eleições municipais: "esta casa não merece um discurso sério como este!"

(M.A.S.N. - Salvador, BA)

# Grilagem em Seabra

Na cidade de Seabra, Bahia, depois que as terras receberam uma certa valorização, por serem terras propícias para o plantio de café, começaram a aparecer os mais variados tipos de grilagens. Os mais envolvidos são os chefes políticos do partido do governo (PDS) e o delegado regional de terras (INTERBA), que recebem

todo o apoio de autoridades militares e da polícia, como o soldado Pedro, que anda reprimindo pequenos lavradores. Nessa cidade já está nascendo o núcleo do PMDB (Tendência Popular) que estará na luta junto com os pequenos lavradores e todo o povo oprimido.

(Um morador de Seabra, BA)

# Hora de mudança

Levanta tua mão, teus olhos, levanta tua voz, ergue teu peito, sente que ainda tem ar puro. Segue esta estrada de mãos erguidas e de peito aberto, para que teu amigo também te siga. Faça as mudanças que a hora é chegada. (Celina, São Paulo, SP)

# Reformistas por baixo

Nos dias 19, 20 e 21 de abril realizou-se em Recife o II Encontro Nacional de Estudantes de Direito, com a participação de estudantes de diversos Estados, num total de cerca de mil delegados.

O II ENED foi convocado com o objetivo de se discutir e deliberar sobre temas variados, desde os problemas específicos de cada Escola até as questões mais gerais do país.

Os debates travados de forma organizada e bastante polêmicos evidenciaram para os estudantes presentes a postura de manobra e oportunismo de há muito assumida pelos reformistas e seus aliados de direita. Os indivíduos integrantes dessa aliança anti-popular tentaram desesperadamente ver aprovadas suas propostas extremamente atrasadas e conciliadoras como, por exemplo, a defesa intransigente de que os estudantes participassem dos órgãos de decisão da universidade com direito de indicarem apenas um quinto dos membros de tais órgãos.

Evidenciou-se neste ENED quem de fato defende os interesses dos estudantes e do povo brasileiro. Isso ficou patente no momento em que se formou entre a maioria esmagadora dos estudantes de Direito presentes uma espécie de "Frente Única" contra a "Reforma" e suas manobras, garantindo-se desta forma a aprovação maciça das propostas mais justas e consequentes, tais como: 1 - luta por 12%, no mínimo, do orçamento da União para a Educação; 2 - participação dos estudantes nos órgãos decisórios das Universidades, com direito a indicarem um terço dos membros destes; 3 - luta por currículos voltados para os interesses da maioria da população, etc.

A Plenária final do II ENED decorreu assim num clima de grande alegria para as forças conseqüentes e de extrema melancolia para os reformistas e seus aliados. (A. e J., estudantes da Faculdade de Direito - Salvador, BA)

# Pecado é ser explorado

A política de salário desse governo atual vem sendo anunciada por ele como legal pra conter uma inflação com um índice anormal.

Mas não é a inflação que está sendo combatida. É a barriga do pobre que está sendo esquecida. Pois o "Mínimo" é tão mínimo que não dá nem pra comida.

O pobre que tem no "Mínimo" a base da sustentação tem que viver na miséria sem nenhuma condição de ter moradia e comida saúde e educação.

Quem ganha hoje, o salário não passa necessidade, passa sim, é fome mesmo. E essa a grande verdade. E se adoce não pode curar a enfermidade.

Ainda vemos governantes falar pra toda Nação numa cadeia de rádio, jornal e televisão, que esse salário é justo no combate à inflação.



Mas isso não é verdade. E eles são sabedores que não é justo o salário pago aos trabalhadores, que sofrem injustiças e os piores dissabores.

O trabalhador brasileiro nesta era de oitenta precisa de união. Que unido ele enfrenta esse arrocho de salário que vem dos anos sessenta.

Lutar por salários dignos que eu saiba, não é pecado. Pecado é se viver com um salário acanhado. Pecado é se conformar, pecado é ser explorado.

(Zé da Feira, - Maceió, AL)

# Depois da vitória outra luta começa

Em Volta Redonda (RJ) o movimento popular ganha forma e corpo. Um exemplo claro de que isto é um fato concreto é a conquista de meia passagem para todos os estudantes nos ônibus coletivos que circulam no perímetro urbano da cidade. Uma luta que conseguiu mobilizar não só os estudantes mas toda a população, comprovando que o povo está unido para superar a reação desta sociedade de superexploração, consumista e opressora. E foi também nesta luta que o DCE da Fundação Oswaldo Aranha esteve à frente de todo o movimento, como está hoje puxando a luta contra o moribundo repasse autorizado pelo sr. Portela - para todas as escolas pagas.

Os estudantes da Fundação Oswaldo Aranha estão mais uma vez indignados com a atitude do governo de tentar transferir todo o ônus da educação para o bolso dos alunos. Já decidiram que se todos os canais competentes se

esgotarem e nem uma solução for dada, nós entraremos em greve por tempo indeterminado, até que as autoridades assumam a responsabilidade de ajudar a resolver os crônicos problemas do ensino superior em nossa cidade. (DCE - Livro da FOA - Volta Redonda, RJ)

# Contra o aumento

Os alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo travaram, no início do ano letivo, luta contra o aumento das anuidades e cobrança dos débitos de 1979. Volta à carga agora a Fundação, retirando a partir de 5 de maio das listas de presença os nomes dos alunos em débito.

Em assembléia geral, dirigida pelo Centro Acadêmico, os alunos resolveram: 1 - declarar de assinar as listas de presença oficiais, consignando seu comparecimento em listas paralelas; 2 - eleger, por sala de aula, representantes para formar Comissão de Negociação; 3 - boicotar o pagamento das mensalidades. Além destas atividades, os alunos de ESP colaboraram, de maneira efetiva, no Comitê de Solidariedade à greve dos metalúrgicos. (E.A.C.A. - São Paulo, SP)

# 1º de Maio

1º de Maio, dia consagrado aos trabalhadores. Festas são realizadas muita delas programadas pelos traidores.

Poucas vezes se erguem para dizer desta data o significado. E porque foram mortos os heróis de Chicago.

Presos e enforcados como se fossem bandidos. Mas os heróicos brados no mundo inteiro foram ouvidos.

Eis aí o teu dia, trabalhador! É a jornada de oito horas de trabalho. Mas para isso alguém lutou. Saiba, então, que não foi dada por patrão, nem por nenhum governador.

Esta data custou lágrimas sangue e dores órfãos e viúvas sem comida. Pois ela custou a vida de heróicos trabalhadores.

Nos Estados Unidos a luta começou. A cidade de Chicago foi o palco do terror. Apesar das mortes e ameaças com muita fé e muita raça venceu o trabalhador! (M.M.R. - caminhoneiro - São Paulo, SP)

# Subam o nível e nao o preco do ensino!

Ao se iniciar o ano letivo, os estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos receberam o aviso de aumento. Eis que de repente a direção da escola solta uma sobretaxa a ser paga de maio a julho. Os estudantes, revoltados, discutiram nas salas de aula mais esse ato extorsivo e resolveram devolver os carnês de aumento. Centenas de alunos devolveram seus carnês à tesouraria ou jogaram-nos na secretaria da escola.

Procuraram sua entidade representativa, o Diretório Acadêmico, que sofreu diversas formas de repressão, como por exemplo a ameaça de fechamento, a ameaça de prisão de alguns alunos que participam de atividades da entidade, e a proibição destes entrarem em salas de aula. E o DA assumiu a luta dos estudantes. (Um estudante da FFCL - Guarulhos, SP)

# Peões de S. Bernardo mandam recado: ESTILINGUE É SÓ O COMEÇO

Quem duvidava do moral elevado dos metalúrgicos de S. Bernardo depois do fim da greve precisava ver a assembleia do dia 25 de maio, quando mais de 20 mil operários voltaram ao estádio de Vila Euclides. Precisava ouvir as histórias sobre as escaramuças na Ford, na Volkswagen, na Chrysler. Assistir ao reencontro emocionado da categoria com seus dirigentes recém-saídos da cadeia para seus postos de luta.

Lula contou que aprendeu na prisão a dar mais valor à grande luta atual dos trabalhadores, pela liberdade. E disse: "Quando menos o governo esperar, a gente pára tudo de novo". Embaixo da tribuna, um peão explicava: a fase agora é de acumular mais forças e preparar a categoria para voltar à ofensiva. O dia D não está longe, quem sabe junto com a campanha salarial dos metalúrgicos de S. Paulo, Osasco e Guarulhos, em outubro/novembro. Os homens e mulheres que sustentaram 41 dias de greve não desistiram de conseguir o aumento real de 15%, a semana de 40 horas, os delegados sindicais e tudo mais. Apenas, compreenderam melhor a luta maior que têm pela frente, contra o governo anti-operário. Um deles afirmava, convicto: "O estilingue é só o começo!"

A greve dos metalúrgicos do ABC foi um desses acontecimentos que marcam a fundo a vida da nação. No começo era uma luta por reivindicações salariais e sindicais, mas os seus desdobramentos fizeram dela um dos pontos mais altos de toda a luta do povo brasileiro

## Ânimo combativo

"O espírito é que a luta continua", conta um metalúrgico, citando como exemplos as movimentações dos últimos dias na Ford, setores da Volks e ferramentaria da Chrysler. "Em relação à greve de 1979 — completa outro — o resultado foi completamente diferente. Em 79, a grande parte do pessoal voltou furiosa com a direção. Este ano a gente voltou mas voltou orgulhoso do

que fez". Pouco a pouco a roda vai aumentando. Chega um peão do tratamento térmico da Mercedes, outro que é ferramenteiro da Ford. Todos confirmam o moral elevado dentro das firmas, que a própria assembleia do dia 25 mostrou.

Em Santo André também. Ainda no final de março muito operário consciente e combativo de Santo André não acreditava na greve. O sindicato ali é reconhecidamente mais débil do que em S. Bernardo. No entanto a paralisação se sustentou, por semanas a fio.

Mesmo agora, na Otis de Santo André, por exemplo, quem impõe o ritmo são os operários. Quando acontece de algum contratado temporário acelerar mais do que deve, há sempre um vizinho de trabalho para explicar: "Olha, companheiro, você é novo aqui, não

conhece bem... Quem define o ritmo aqui somos nós!"

## Muitas lições a tirar

Entrou-se agora na fase em que aumenta a importância de tirar todas as lições da greve. É uma tarefa, em primeiro lugar, dos metalúrgicos do ABC, mas também de toda a classe operária, de todo o povo e dos democratas brasileiros. A greve é um livro aberto para quem quiser ler e estudar com toda atenção. E o estudo, mesmo inicial, já oferece algumas conclusões.

## Importância do sindicato

A greve mostrou, principalmente em S. Bernardo, o valor de se ter um sindicato atuante e com prestígio na categoria.

As falhas e vacilações que possam ter ocorrido, sobretudo até o momento da intervenção, não obscurecem este grande ensinamento.

Ao mesmo tempo, a intervenção do governo nos sindicatos e a prisão dos líderes metalúrgicos ressaltaram ainda mais a importância de libertar a estrutura sindical brasileira da tutela do Ministério do Trabalho. E isso hoje passa pela reconquista dos sindicatos sob intervenção, a reintegração de suas diretorias legítimas e o esmagamento da manobra suja que pretende desmembrar ("esquartejar", disse um operário) os sindicatos do ABC.

Por isso, uma das grandes palavras de ordem do dia 25 foi "O sindicato é nosso!". Djalma Bom ressaltou que "cada tijolo dele é fruto do suor e do sangue dos trabalhadores". E Osmarzinho disse também: "Nosso objetivo maior neste momento é reconquistar o sindicato".

## União em torno da classe

A greve foi uma experiência, embora ainda inicial, de união das forças populares e democráticas em torno da classe operária. Durante 41 dias, o proletariado da grande indústria mul-

tinacional do ABC assumiu num certo nível o papel que lhe cabe.

A solidariedade, principalmente a política, não esteve ainda à altura da firmeza dos grevistas. E ficou colocada para os operários e o povo em geral, a partir de agora, a necessidade de utilizar formas de apoio político mais audaciosas em situações parecidas. A partir desta greve, nenhuma frente política democrática pode deixar de levar em conta o lugar que a classe operária conquistou, de fato e de direito.

## O papel das fábricas

O êxito da paralisação veio em grande parte da concentração, consciência e disciplina dos operários das grandes fábricas do ABC. No entanto, a organização por empresa ainda foi um ponto fraco. Quando cada firma e cada setor possuiu sua organização, prestigiada e com raízes profundas na categoria, não haverá quem possa com os operários.

A organização dos metalúrgicos deu um grande avanço durante a greve, mas principalmente ao nível dos bairros. Com a volta às fábricas, a tendência é deslocar para ali o esforço principal.

Na Ford, por exemplo, fez grande sucesso um "gibizinho" contando a experiência de organização de uma greve nos Estados Unidos, como se conseguiu limpar a categoria dos tleto-duros, a ponto de se parar as máquinas durante meia hora, só para testar a unidade de classe, e a empresa nem ficar sabendo. Muita gente que leu o folheto está disposta a experimentar o método no ABC...

## Manifestações amplas

O 1º de Maio em S. Bernardo foi um dos grandes momentos da greve. Mostrou que manifestações assim, amplas, abertas e toda a classe e a todo o povo, poderiam ter fortalecido consideravelmente o movimento, principalmente depois que a interferência brutal

do governo deu uma nova dimensão à greve. Outro aspecto que se destacou, no 1º de Maio e em outros momentos, foi que os metalúrgicos souberam fazer a separação entre manter-se firmes e aceitar provocações da polícia.

## Caráter político

É inegável que a partir de determinado momento a greve ganhou um caráter político. O responsável principal por isso foi o governo do general Figueiredo, que jogou com tudo para esmagá-la, transformando-a num confronto direto entre governo e grevistas.

Esta tendência à politização das greves já vinha despontando pelo menos desde a paralisação dos metalúrgicos da capital paulista em outubro/novembro do ano passado. E caminha para se acentuar, como mostraram os acontecimentos não só do ABC mas também da greve dos professores de Minas. No fundo, isso acontece porque a crise atual do Brasil, mesmo tendo um lado econômico-social importante, é antes de mais nada uma crise política, que exige solução política, ou seja, a substituição das forças que monopolizam o poder desde 1964.

## Liderança emergente

A greve revelou lideranças operárias em quantidade e em qualidade. Gente firme, representando as melhores qualidades da classe, temperada no fogo da luta. As empresas tentam agora cortar a cabeça da categoria, demitindo os operários que se destacaram. E uma tentativa além de imunda, pouco eficaz, pois os jovens líderes se movimentam dentro da categoria como um peixe n'água.

Ao mesmo tempo, a greve do ABC ressaltou, ainda mais, a necessidade de o partido da classe operária elevar-se à condição de um estado-maior suficientemente consciente, organizado, vinculado às massas exploradas, decidido e hábil, capaz de conduzir o povo, na crise atual, até a sua completa libertação. (Bernardo Joffily)



Na assembleia, o comparecimento e a confiança de quem sabe que vai vencer



Metalúrgicos em assembleia diante do Sindicato na greve de 1979

## Sindicalização em massa para derrubar Joaquim

Ofensiva metalúrgica para retomar o sindicato. Primeira tarefa: sindicalização em massa.

"Se a gente quer mesmo tirar o Joaquim do sindicato vai ter de trabalhar duro e sindicalizar 50 mil companheiros até o fim do ano". Com esta disposição, os metalúrgicos da cidade de S. Paulo que se opõem à diretoria do seu sindicato estão articulando um movimento que poderá representar uma virada na vida da categoria: o "Movimento de Oposição Metalúrgica para a Reconquista do Sindicato".

O objetivo é impulsionar três campanhas sucessivas: a de sindicalização; a campanha salarial, em novembro; e a campanha para ganhar as eleições de maio de 1981. Santo Dias da Silva, assassinado pela PM durante a greve do ano passado, foi escolhido para patrono.

## S. Bernardo ensinou

A iniciativa surgiu da experiência da categoria e, em boa parte, do exemplo da greve de S. Bernardo, que ajudou a convencer os metalúrgicos de S. Paulo da necessidade de uma diretoria combativa. O Sindicato dos Metalúrgicos de S. Paulo está desde o golpe nas mãos do pelego Joaquim de Andrade, que subiu como interventor nomeado pela ditadura, depois de perder duas eleições. A carreira das traições de Joaquim inclui a desmobilização na greve de 1978 e a omissão na de 79, a fraude nas últimas eleições e a colocação de capangas na porta do sindicato para impedir os trabalhadores de usar o prédio.

Animados pelas lições de S. Bernardo, os ativistas metalúrgicos da capital resolveram que chegou a hora de lançar um movimento amplo de oposição capaz de empolgar a categoria em peso, livrar o sindicato dos pelegos, eleger uma diretoria fiel aos interesses

da classe. Nada de oposição como um fim em si; o objetivo tem de ser realmente a conquista do sindicato. Nada de restringir o movimento aos "iniciados": é com sangue novo que a batalha será vencida. Nada de vacilações na hora de sindicalizar: o lugar do peão é dentro do sindicato.

## Luta em muitas frentes

A campanha de sindicalização, "ampla, geral e irrestrita", já está dando os primeiros passos. O lema é "sindicalizar para mudar". O plano é fazê-la ganhar impulso e desembocar num lançamento público que jogue o problema para toda a categoria.

Não é uma luta fácil. É preciso enfrentar os patrões e o governo que dificultam ao máximo o trabalho de sindicalização dentro das empresas. É necessário vencer o boicote da própria diretoria sindical, pois ela compreende muito bem que a sindicalização em massa vai marcar o fim do seu reinado. E, por fim, existe o trabalho para vencer a resistência de muito metalúrgico honesto, mas desiludido com o peleguismo da diretoria, que se recusa a ficar sócio. As traições de Joaquim marcaram a fundo a categoria. Um bom número de operários rasgou a carteirinha de sócio. É preciso mostrar que quanto mais gente for posta para dentro do sindicato, mais fácil será por Joaquim para fora.

## Outras categorias

Surgido num momento de agitação político-sindical e decadência do peleguismo, o movimento pode estender-se a outras cidades e outros setores operários. Em S. Paulo, trabalhadores de diferentes categorias já se reuniram para analisar esta possibilidade.

# O trabalho no sindicato

A importância de recuperar as organizações sindicais como ferramentas de união e luta do trabalho contra o capital.

A onda grevista que sacode o país há dois anos veio colocar com força redobrada o problema dos sindicatos para a classe operária e os trabalhadores em geral. O velho peleguismo que imperou desde 1964 entrou em processo de decadência. Colocou-se na ordem do dia, para os operários conscientes, a elaboração de uma política sindical combativa e flexível, capaz de orientar a reconquista dos sindicatos.

Neste quadro, aumenta a importância de relembrar alguns princípios tirados da experiência operária de trabalho sindical.

## Conquista da classe

A formação dos sindicatos representou um enorme progresso, uma conquista de classe operária. Quando o capitalismo começou, a desenvolver-se, os trabalhadores, isolados uns dos outros, ficavam impotentes diante dos patrões. Os sindicatos foram a sua primeira arma coletiva para a luta de classe contra o capital.

Com o amadurecimento do movimento operário, esta luta começou a colocar-se em novos termos, mais avançados. Surgiu a teoria do socialismo científico, o marxismo, que aponta o rumo para acabar com a exploração capitalista. Formaram-se os partidos operários, guiados por esta teoria. Com a Revolução de Outubro, na Rússia, o proletariado iniciou também a experiência de organizar seu próprio Estado.

Os sindicatos, porém, continuaram a ser uma arma afiada e indispensável, principalmente por sua capacidade de organizar as grandes massas operárias e trabalhadoras para a luta. Estas não poderiam avançar, em país algum, sem a ajuda dos sindicatos, em cooperação

com o partido proletário e sua teoria marxista-leninista.

## A burguesia e o sindicato

Desde o nascimento dos sindicatos dos trabalhadores que a classe dos capitalistas trava contra eles uma guerra sem quartel. Não é raro o emprego da violência policial e militar contra movimentos sindicais. É o que ocorre no Brasil e mesmo nos países capitalistas ditos civilizados.

Mas o patronato desenvolveu também outra maneira de fazer guerra aos sindicatos, mais sutil, porém de eficiência comprovada: a corrupção.

A burguesia utiliza vários pontos de apoio para tentar corromper o movimento sindical. A própria origem dos sindicatos, nas lutas salariais, dentro dos marcos do capitalismo, produz uma certa tendência a ver apenas os interesses de cada categoria e de cada momento, o que os capitalistas procuram explorar. A camada mais bem paga da classe — a "aristocracia operária" — serve como veículo para corromper as organizações sindicais. Os funcionários sindicais, quando não são bastante firmes e não estão sob a vigilância da classe, também são passíveis de corrupção. Os vínculos com o aparelho de Estado são outro ponto frágil, mais ainda em países como o Brasil, onde uma estrutura sindical de tipo fascista atrela essas entidades ao Ministério do Trabalho.

## Sindicalismo classista

Tudo isso cria o terreno onde vegetam as correntes sindicais de conciliação da classe, os pelegos de todos os tipos e tamanhos.

Em oposição a essas correntes, atua nos sindicatos o impulso combativo, classista, que vem das bases exploradas pelo capital. Quando este impulso se casa com uma atividade consciente, o peleguismo de diversos tipos perde terreno e cai na defensiva. E num período como o do Brasil atual, de luta de classes aguda, torna-se possível varrer os pelegos dos postos de controle do movimento sindical. É o que já começa a acontecer aqui e ali.

## Sindicalismo paralelo

É um trabalho que exige seriedade, teimosia, habilidade e acima de tudo ligação estreita com o conjunto da classe, para sintonizar o seu estado de espírito e as suas aspirações.

Por tudo isso sempre houve, na história do movimento operário, quem preferisse fugir do trabalho dentro dos sindicatos e formar organizações "puras", "livres", sem pecados, para substituí-los. Não se poderia prestar maior favor aos patrões. Essas tendências produzem como regra pequenos círculos fechados dentro de si, inofensivos nos enfrentamentos com o capital. E mais ainda no Brasil, onde é muito forte a tradição de unidade do movimento sindical (uma única estrutura de sindicatos e não várias como por exemplo na França, na Itália ou na Espanha).

É preciso reconhecer que nos últimos anos algumas oposições sindicais, embora combativas, descambaram em certa medida nesse rumo. Esta mesma combatividade atuando junto às bases sindicais, aceleraria em muito a decadência do peleguismo nos sindicatos do Brasil.